



CEDI - P. I. B.
DATA 24/05/93
COD. PED 00019

OS PANARÁ DO PEIXOTO DE AZEVEDO E CABECEIRAS DO IRIRI:
HISTÓRIA, CONTATO E TRANSFERÊNCIA AO PARQUE DO XINGU

Stephan Schwartzman, Ph.D.
20/11/92

Introdução	1.
I. História da Ocupação dos Panará da bacia do Peixoto de Azevedo / Cabeceiras do Rio Iriri	1.
I.A. População e localização em 1968	4.
I.B. Antecedentes Históricos dos Panará do Peixoto de Azevedo	9.
II. O Contato	9.
II.A. Entrevista com Peritaw Panará: O ataque Kayaipó na Aldeia Sonkanasan	10.
II.B. Narrativa do Ake Panará: O contato e transferência	11.
III. O Xingu	20.
IV. Conclusão	25.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda três temas: a história da ocupação dos índios Panará (ou os chamados Krenakore) sobre a bacia do rio Peixoto de Azevedo/cabeceiras do rio Iriri e dos seus antecedentes; o contato dos Panará com a sociedade nacional na região do Peixoto de Azevedo entre 1968 e 1975; a transferência dos Panará do Peixoto para o Parque Indígena do Xingu em 1975 e a sua experiência no Parque do Xingu até o presente. Além das fontes bibliográficas citadas adiante, o material apresentado foi recolhido em pesquisa de campo na aldeia Panará durante 18 meses, entre 1980 e 1983, e em visitas à aldeia Panará em agosto e outubro de 1991, e junho e novembro de 1992.

Os Panará são um grupo da família lingüística Ge setentrional, atualmente residente numa única aldeia no Parque Indígena do Xingu em Mato Grosso, de aproximadamente 135 pessoas (Ver anexo 1). São mais conhecidos pelo nome Krenakore, ou Kreen-Akorore, ou Krenhakore, sendo estes variantes do nome Kayapó "kran iakarare", "cabeça cortada redonda", que se refere ao corte de cabelos tradicional dos Panará. A autodenominação "panará" significa "gente". Moram no parque do Xingu desde 1975, quando foram transferidos das suas terras originais no rio Peixoto de Azevedo/cabeceiras do rio Iriri. Vivem de pesca, caça, agricultura e coleta, preservando assim grande parte da sua economia tradicional, com a introdução de algumas ferramentas de aço e armas de fogo. As suas formas tradicionais de manejo e uso de recursos naturais foram modificadas e restringidas por causa da mudança ecológica drástica acarretada pela transferência. Os Panará vem mantendo e recuperando a sua estrutura social (sistema matrilinear de quatro clãs exogâmicos, os quais ocupam lugares fixos na periferia da aldeia, e metades cerimoniais ligadas às casas dos homens na praça da aldeia) bem como formas tradicionais de liderança política, e sistema ritual, embora esses tenham sofrido rupturas bruscas durante o contato e depois da transferência.

I. História da Ocupação dos Panará sobre a Bacia do Rio Peixoto de Azevedo / Cabeceiras do Rio Iriri

A presença dos Panará na região do Peixoto de Azevedo só começou a ser documentada a partir de 1961, quando um geógrafo inglês, numa expedição às cabeceiras do Rio Iriri, foi morto por um grupo Panará na serra do Cachimbo (Hemming 1978; P.XIII). Entretanto, entrevistas com os velhos Panará, já adultos, antes da transferência para o Xingu em 1975, estabelecem a ocupação do grupo no Peixoto de Azevedo/Iriri

pelo menos desde o início deste século. A história oral dos Mekragnoti Kayapó, antigos inimigos dos Panará, levam à mesma conclusão. No entanto, dados linguísticos e etno-históricos mostram que os Panará do Peixoto de Azevedo/cabeceiras do Iriri são os últimos descendentes de um grupo bastante maior e mais conhecido pelos cronistas - os chamados "Cayapó do Sul".

Os Panará ocupam o Peixoto de Azevedo e cabeceiras do Iriri no mínimo desde o início do século vinte. Esta data é fixada por duas fontes: velhos Panará contam que o início da guerra entre Panará e Kayapó se deu na juventude dos seus avós, isto é, uns 70/80 anos atrás. Trata-se de um incidente específico, quando duas mulheres de um grupo numa expedição de caça e pesca no Rio Iriri Novo (parintawnyökö, na língua Panará - ver anexo 2) estavam tomando banho e se deram conta da proximidade de homens de um grupo desconhecido (Kayapó). Os Kayapós teriam atacado e matado uma mulher, depois do que os Panará reagiram, flechando uns Kayapó. O incidente foi confirmando separadamente por um Kayapó da antiga aldeia Kretire, com a diferença de que o informante Kayapó atribuiu o primeiro ataque aos Panará. Gustaaf Verswijver, autor do mais detalhado trabalho etno-histórico sobre os Kayapó (e muito provavelmente o mais extenso trabalho etno-histórico sobre qualquer grupo indígena da Amazônia), data o início do conflito de 1921, (Verswijver 1985: 270).

Verswijver reconta que foi em 1920 que os Mekragnoti perceberam a presença dos Panará a oeste das suas terras (entre os rios Jarina e Iriri Novo). Mandaram homens para reconhecer o terreno e em 1921, atacaram. Um ano depois, os Panará se vingaram, surpreendendo os Mekragnoti, que fugiram para o Rio Curuá. Entre 1921 e 1968, os Mekragnoti atacaram três vezes e os Panará, seis vezes. Em vários momentos os Mekragnoti mudaram as suas aldeias com medo de represálias dos Panará, por vezes para locais bem distantes, (Ibid: 270).

É notável que, enquanto as duas histórias do início do conflito diferem entre si (mas não se contradizem), a data aproximada do começo da guerra é a mesma. Portanto, os Panará já habitavam a região do Rio Peixoto/Iriri antes de 1920, mais provavelmente por pelo menos uma geração, ou seja, desde o início do século.

Índios Kajabi do Teles Pires, no início da década de 50, relataram conflitos com índios que moravam ao leste e usavam bordunas (Heelas 1979: 04). Segundo os Kajabi, os Panará teriam atacado uma de suas aldeias em 1949 (Marcopito 1979: 37).

A documentação histórica da presença dos Panará na área antes de 1968 é parca por motivos simples: a região do rio Peixoto de Azevedo (afluente da margem direita do Rio São

Manoel ou Teles Pires, cuja foz se localiza aproximadamente a 10'05"S, e 55'30") permaneceu extremamente isolada até depois da segunda guerra mundial. Comunicação e transporte entre Cuiabá e o rio Tapajós passavam pelo rio Arinos, a oeste do Teles Pires, deixando este no isolamento. Somente em 1819 é que o primeiro branco - Antônio Peixoto de Azevedo - documentou a sua descida do São Manoel, ou Teles Pires, ou Paranatinga, como era chamado na época, das cabeceiras até a boca no Tapajós (Peixoto de Azevedo, 1885). Peixoto de Azevedo observou a presença de toras grandes nas beiradas, da boca do Rio Verde até 11 léguas rio abaixo, utilizadas por índios desacostumados com canoas para atravessar o rio. Segundo os Mundurucu que o acompanhavam, aqueles eram seus inimigos. Este relato não seria inconsistente com a presença dos Panará, que não faziam canoas. O francês Henri Coudreau subiu o rio Paranatinga (ou Teles Pires, ou São Manoel) em 1896, mas só até Sete Quedas, bem abaixo da boca do Peixoto de Azevedo. Também segundo os Mundurucu, o São Manoel acima da cachoeira das Sete Quedas era terra dos "índios bravos" (Coudreau 1976 [1897]: 83), mas as informações sobre esses grupos são vagas. Quanto ao Iriri, tão grande foi o isolamento que, na década de 60, a sociedade geográfica real inglesa e o IBGE promoveram uma expedição para localizar a sua cabeceira; justamente a mesma que levou o infeliz geógrafo Mason à morte nas mãos dos Panará.

Os Panará recontam que encontraram e mataram brancos em pelo menos três momentos na memória recente (desde mais ou menos 1945). Dois desses seriam provavelmente encontros com seringueiros na margem direita do Teles Pires (Cowell 1973) e o terceiro, e mais recente, a morte de Richard Mason (ver abaixo). Um número aproximadamente igual de Panará foram mortos por brancos nesse período, provavelmente por seringueiros ou garimpeiros.

Seria somente a partir da abertura da base da Força Aérea Brasileira na Serra do Cachimbo, em 1951, pela expedição Roncador-Xingu da Fundação Brasil Central, que contatos documentados entre os Panará e a sociedade envolvente ocorreriam. Os irmãos Villas Boas, funcionários da Fundação Brasil Central na época, dizem ter visto, em sobrevôo, oito aldeias de índios isolados na região do Peixoto do Azevedo em 1950, que depois identificaram como aldeias Panará (Davis, 1977: 69). Acharam que devido ao isolamento da região, não havia necessidade de montar expedições de contato naquela época (Ibid.)

O primeiro incidente que noticiou mais amplamente a presença dos Panará foi a morte do geógrafo inglês, Richard Mason, em 1961. Mason, integrante da expedição conjunta do IBGE/Royal Geographical Society às cabeceiras do Rio Iriri, caminhava na picada que a expedição abrira entre a base do Cachimbo e seu acampamento, quando foi flechado pelos Panará. As flechas e bordunas deixadas pelos índios foram identificadas

pelos Mekragnoti Kayapó como as dos seus tradicionais inimigos, os "Krenakore", ou Panará. Em outubro de 1991, um velho Panará, Kôkriti, depôs que quando era adolescente, tinha acompanhado o grupo de homens que matou Mason. Segundo o informante, um grupo da aldeia Sonkânasan (localizada num pequeno afluente do Iriri no pé da Serra do Cachimbo) tinha ido para Cachimbo em busca de facas e machados de aço, prezados por eles para o trabalho na roça. Encontraram a picada da expedição (o "caminho dos brancos") e esperaram. Um branco, loiro de pele clara, veio andando só, e vários homens o flecharam. Checaram a roupa e pertences do defunto, revirando inclusive papéis que ele carregava, mas não acharam facas. Deixaram suas armas com o corpo, conforme costume, e saíram. Passados alguns dias, voltaram às redondezas da base do Cachimbo e encontraram facões, que levaram para a aldeia. É de se supor que os soldados deixaram facões para os Panará, numa tentativa truncada de pacificá-los.

A presença dos Panará nas vizinhanças da base do Cachimbo se destacou em 1967, quando um grupo de homens chegou na pista de pouso e foi avistado pelo destacamento militar ali instalado. Segundo vários homens na ocasião, os Panará teriam voltado novamente buscando facas de metal, bem como para ver mais de perto os aviões que eles tinham visto sobrevoando. Um grupo de homens apareceu na pista de pouso, provocando susto no comandante do destacamento. Os soldados abriram fogo e, coincidentemente, passaram um rádio para um avião que estava chegando na base, para que descesse em cima dos índios. Os Panará se retiraram assustados, deixando arcos e flechas na pista, e com pelo menos um homem ferido à bala. Em seguida, um grupo de caças da aeronáutica sobrevoou os arredores buscando aldeias, aparentemente sem êxito (Davis 1977: 69). Os soldados da base, em seguida, deixaram facões para os índios (Meirelles 1979: 59). Mesmo assim, os Panará concluíram que os brancos eram extremamente ferozes e perigosos.

I.A. População e localização em 1968

Ponderar o impacto do contato sobre os Panará requer uma descrição da situação deles em 1968, quando começou o contato permanente, após o primeiro ataque dos Mekranoti Kayapó portando um número significativo de armas de fogo. Existiam oito aldeias em 1968, com uma população total de não menos que 330 e, provavelmente, não mais que aproximadamente 600 pessoas.¹ Heelas, antropólogo inglês que

¹ A cifra de 330 é a soma arredondada de uma lista de 248 nomes de pessoas que morreram no Peixoto, antes e depois do contato, recolhidos por mim em 1982 e 1983 junto a três

morou com os Panará entre 1975 e 1977 relaciona sete aldeias (Heelas 1979: 08), mas duas dessas são uma mesma aldeia com nome escrito de formas diferentes. No resto, a relação de Heelas, bem como a sua localização das aldeias, coincidem em linhas gerais com o mapa feito por Fiorello Parisi na época do contato e com o mapeamento feito por mim em 1991. Segue a localização aproximada das aldeias Panará em 1968, bem como algumas aldeias mais antigas cuja localização foi possível, além de datas aproximadas da ocupação e número de casas de algumas das aldeias.²

1. Sonkànasan - Esta era a aldeia mais a nordeste em 1968, ficando localizada as cabeceiras do Rib. Peixotinho Primeiro (chamado pelos Panará "Nàmpia'ayõnti") e as cabeceiras do Rio Iriri (ou Nansepotiti), num pequeno afluente do Iriri do lado sul, no lado oeste do sopé da Serra do Cachimbo. Tinha, em 1968, pelo menos 6 casas. Data de 1945 aproximadamente.

informantes Panará (Pè'ti, Krempì e Kyarasàr), e os 79 Panará transferidos para o Xingu. Sendo essas pessoas identificadas por nome, essa é a cifra mínima para a população antes do contato. A estimativa em torno de 600 baseia-se no número de aldeias existentes em 1968, o número aproximado de casas em cada aldeia (um dado recuperado com facilidade pelos velhos, quando indagados sobre o número de casas de cada clã numa aldeia determinada), e uma média do número de pessoas por casa, baseada na aldeia atual. Esse cálculo é conservador, mas a cifra exata da população é difícil de determinar com precisão, uma vez que freqüentes deslocamentos de pessoas e famílias entre aldeias, que aparecem nas narrativas de histórias pessoais, fazem com que o número de residentes numa determinada aldeia não necessariamente corresponda ao número de casas existentes em um determinado momento. Por outro lado, o número de 330 é provavelmente muito baixo, já que a lista colhida por mim contém predominantemente de pessoas de dois dos quatro clãs, e foi elaborada reconstruindo apenas algumas das aldeias existentes em 1968.

² As datas representam um tempo mínimo de ocupação das aldeias, visto que são derivadas de entrevistas com velhos, nas quais perguntou-se onde eles residiam quando passaram pelos ritos de iniciação (perfuração das orelhas e lábio inferior, e cicatrização das coxas, peito e costas). As idades dos informantes à época dos ritos foram calculadas por comparação com meninos ou jovens da aldeia. Richard Heelas também apresenta datas de ocupação para aldeias (as quais concordam com meus cálculos), devendo ter usado uma metodologia parecida. As datas, porém, não necessariamente representam uma ocupação contínua do mesmo local, por dois motivos: primeiro, em alguns casos as aldeias são reconstruídas perto do mesmo lugar e com o mesmo nome, e segundo, parece que algumas aldeias foram abandonadas durante tempo indeterminado, sendo depois reocupadas.

2. Sosenasan - Aldeia mais a leste, perto do Rib. Peixotinho Segundo (Tutumapèri), à 54'20" oeste e 10'15" sul aproximadamente, tendo 7 casas em 1968. Foi fundada em 1950 por um grupo da aldeia Krekyekye (à margem esquerda, no médio curso do Rib. Peixotinho), que foi abandonada na época.

3. Yopuyupaw - Aldeia mais a sudoeste, no lado sul do Rio Peixoto do Azevedo, à aproximadamente 55'20' oeste e 10'25" sul, perto do Rio Braço Dois. Data de 1940.

4. Yopuintonõnyõinkô - Aldeia perto de Yopuyupaw, no lado sul do Rio Peixoto, ocupada em 1955.

5. Pàtsupèri - Aldeia mais a noroeste, a 9'49"S e 55'14" oeste, perto da margem leste do Rio Nhandu (ou Pinkàsàrnkhõnkô). Tinha cinco casas em 1968 e data de mais ou menos 1945.

6. Kyaunakye - Aldeia localizada mais ou menos na latitude do Pàtsupèri, entre o Rio Braço Norte e o Peixotinho Primeiro. Tinha cinco casas em 1968, datando de 1940.

7. Inkuipô - Aldeia próxima da margem oeste do Peixotinho Primeiro, ao sul dos 10'S, tendo onze casas em 1968. Foi ocupada mais ou menos em 1950.

8. Supusàrapèri - Aldeia localizada no lado sul do Rio Peixoto, no segundo afluente da margem oeste, subindo o rio. Existia na época do contato.

(9.) Inkàsan - Entre o Rib. Peixotinho e o Rio Peixoto, perto da boca do Peixotinho. Estava ocupada em 1940, mas foi abandonada antes de 1968.

(10.) Atuya'asàr - Aldeia mais a sudeste, entre as cabeceiras do Peixoto de Azevedo e o Manitsaua Missu. Os avós da geração mais velha moraram lá e contaram que houve atritos com outros índios de batoques grandes (agora identificados como Suyá) perto dessa aldeia durante a colheita da castanha. Existiu entre 1910 e 1920 aproximadamente.

(11.) Inkôkrepu - Aldeia localizada num afluente pequeno do lado sul do rio Iriri (Nansepotiti), perto das cabeceiras. Segundo os relatos, foi abandonada antes de meados da década de 40, por causa de um ataque dos Kayapó que matou muitos membros de dois clãs. Homens da atual aldeia conheceram o lugar, na década de 50, como uma roça velha dos antepassados (suangkyara nyõ pu tum).

(12.) Nampôrõ - Depois do ataque Kayapó no Inkôkrepu, os sobreviventes mudaram a aldeia para esse lugar, num outro afluente do Iriri rio acima, de nome Nampôrõ. A aldeia

ficou perto onde, posteriormente, localizava-se a aldeia de Sonkànasan.

Outras aldeias, que existiam na época do contato e cujas localizações são mais vagas, são Kutinsipèri e Pèriwèsan. A listagem acima não inclui a aldeia de Tôpayurõn, perto da qual Cláudio Villas Boas realizou o primeiro contato, porque essa aldeia foi construída após 1970, enquanto os Panará se retiravam diante da frente de atração, como foi também o caso da aldeia Pinkàsàrnyõnkô.

Vale ressaltar que, embora não tenha sido feito nenhum mapeamento "in loco" de todas as aldeias na época do contato, as fontes existentes são bastante consistentes nessa abordagem (Cowell 1973: 127; Heelas 1979: 8-9; Parisi 1975).

Fora as aldeias descritas, os Panará guardam lembranças de várias outras aldeias anteriores, já abandonadas, em 1968, quando os Kayapó atacaram pela última vez - Krekyekye, Sankônakye, Nàpia'ayõnti, Noranhõnkô, e Kôtikô. Sankônakye foi habitada mais ou menos em 1936.

A ocupação da região não se limitou aos lugares das aldeias. Por exemplo, embora a ocupação mais densa dos Panará fosse na bacia do Peixoto de Azevedo, tinham uma aldeia num afluente do Rio Iriri em 1968, freqüentavam o Iriri Novo (Pèrintonyõnkô, "água das conchas de moluscos"), o Iriri (Nansepotiti, "oco dos morcegos queimados"), o Ipiranga (Topôa, "água clara"), e o Xixe (Pinkàsàrnyõnkô, "água do jacú cigano"). Iam todos os anos pescar no Iriri e colhiam castanha nas cabeceiras, perto da atual Base do Cachimbo. Iam regularmente para o Iriri Novo para colher conchas de moluscos. Pescavam também no Ipiranga e caçavam pássaros no Xixe para tirar penas e fazer flechas. No sentido oeste, conheciam o Teles Pires (Kontômasô), aonde iam caçar e pescar.

O primeiro encontro dos Panará com os Kayapó foi numa das freqüentes expedições no sentido norte da aldeia Sonkànasan, para pescar e colher concha de moluscos, utilizada para fazer enfeites. Verswijver (1985:169) relata que os Panará atacaram os Mekragnoti em 1923, numa aldeia entre o Rio Jarina e o Iriri Novo, perto do Rio Xingu. Os Mekragnoti fugiram para o Rio Curuá, uns 200 quilômetros para noroeste, onde os Panará os atacaram novamente (Ibid.). Também conforme Verswijver, em 1943, os Mekragnoti descobriram um tapiri dos Panará numa de suas antigas aldeias entre o Rio Jarina e o Iriri Novo, ou seja, na atual área Indígena do Capoto (1985: 188). Os Panará tiraram comida da roça Mekragnoti. Informantes Panará contam que guerreiros Panará chegaram até o Rio Xingu mais ou menos nessa época.

A economia tradicional dos Panará baseava-se numa exploração extensa, porém ecologicamente equilibrada, dos recursos naturais. O sistema cerimonial ordenava longas expedições de caça, com grupos de homens andando por semanas na floresta caçando e moqueando carne para trazer para a aldeia. Era comum, na estação seca, a dispersão das aldeias em grupos menores que iam pescar, caçar ou buscar frutas, acampando na floresta. A coleta de taquara para fabricar flechas também era feita por grupos grandes, que caminhavam muitos dias na floresta. A safra da castanha também era motivo de deslocamentos regulares de grandes grupos.

O próprio conceito de saúde tradicional passava por critérios espaciais: em caso de febre ou doença, os Panará se dispersavam na floresta, morando em grupos familiares nos tapiris até passar a doença, quando voltavam para a aldeia. A expressão "kyankàtarti nampia" (literalmente, "andar com bem estar"), que é comum nos discursos Panará sobre a vida no Peixoto antes do contato, refere-se especificamente a essa prática. O fato dos primeiros integrantes das frentes de atração da FUNAI terem encontrado muitos tapiris na floresta se explica, em parte, por essa prática (Parisi 1975).

Todas as aldeias, inclusive sítios de antigas aldeias, eram ligadas entre si por extensas redes de caminhos. Narrativas da vida de todos os informantes mostram um contato e intercâmbio constantes entre as aldeias, de casamentos, visitas e circulação de informações. Toda a bacia do Peixoto de Azevedo e os principais formadores do Iriri eram tradicionalmente ocupados pelos Panará, e a área antiga de perambulação para caça, pesca, coleta e obtenção de matéria-prima para artesanato e fabricação de utensílios abrangia regiões até mais para o norte e nordeste.

Os Panará mais velhos guardam até hoje, dezesseis anos após a transferência para o Xingu (durante os quais não tiveram oportunidade de voltar à área), um conhecimento vivo dos acidentes geográficos da região. A Carta Internacional do Mundo ao Milionésimo, folha Juruena, escala de 1:1.000.000., do IBGE, registra cinco pequenos córregos na margem direita do Rio Peixoto entre a rodovia BR 163 e o Rio Braço Norte. Os Panará, que visitaram o Peixoto em outubro de 1991, imediatamente reconheceram todos os cinco por nomes Panará, sendo que até os mapas mais detalhados existentes não indicam o nome em português de nenhum deles.

I.B. Antecedentes Históricos dos Panará do Peixoto de Azevedo

Pesquisa linguística e etno-histórica revela que os atuais Panará são os últimos descendentes de um grupo bem mais conhecido aos cronistas dos séculos 19 e 18: os chamados "Cayapó do Sul", tidos como desaparecidos no início deste século (Lowie 1963: 319). A prova central está em duas listas de palavras recolhidas por Auguste Saint-Hilaire e Johann Emanuel Pohl, durante viagens ao Brasil central em meados do século passado, no aldeamento de São José de Mossamedes, na província de Goiás. Tão grande é o grau de correspondência entre essas listas e a língua Panará que outra hipótese, senão a da identidade dos Panará com os Cayapó do Sul, é praticamente excluída. O primeiro a reconhecer esse fato foi o antropólogo Richard Heelas (1979: 4, 353-354) e o meu reexame dos dados confirma a sua descoberta (Schwartzman 1988: 281-186, 460-464). A mais cuidadosa das duas listas, a de Saint Hilaire, contém 33 palavras, das quais 27 são aparentemente Panará (Ibid.). Por exemplo, na lista de Saint Hilaire, a palavra Cayapó para "índio" é "panaria", obviamente o equivalente a "panará" (gente); ou "olho" é "into" e no Panará "into"; ou "braço" ainda, no Cayapó é "ipa" e no Panará, "i'pa" (ver anexo 3).

Além dos dados lingüísticos, as poucas informações culturais existentes - descrição das flechas dos Cayapó do Sul, descrição da prática tradicional de tratar dores e descrição da cestaria - são consistentes com os mesmos. Tudo indica que os Panará são de fato os últimos descendentes dos Cayapó do Sul, grupo que habitava desde o Rio Parnaíba, em São Paulo, até Goiás e Mato Grosso. Desde a descoberta de ouro na região de Cuiabá, em 1719, até o início do século XIX, os Cayapó tiveram conflitos freqüentes com as frentes de expansão. Em 1742, o bandeirante Antônio Pires de Campo, contratado pelo governador de Goiás, deflagrou uma guerra sangrenta contra os Cayapó em Goiás. Segundo Alencastre, mil Cayapó foram capturados numa só campanha de três meses (Alencastre 1979 [1863]: 75). Outras fontes calculam que até 8.000 Cayapó foram escravizados nas primeiras guerras com os bandeirantes de São Paulo. A atitude hostil dos Panará durante o contato se torna compreensível a partir desses fatos.

II. O Contato

O contato permanente dos Panará com a sociedade envolvente começou indiretamente em 1968, quando os Mekranoti Kayapó os atacaram, pela primeira vez, com quantidade significativa de

armas de fogo obtidas dos brancos (Os Mekragnoti usavam armas contra os Panará ao longo da guerra. Mas em 1968, fizeram questão de juntar o maior número possível de armas e munição, inclusive obtendo munição com o missionário que morava com eles na época (Verswijver 1985: 275)). Mataram pelo menos vinte e seis pessoas na aldeia Sonkânanan, localizada entre as cabeceiras do Rio Iriri e os formadores do Rio Peixotinho Primeiro, queimando a aldeia. Uma testemunha do evento, Pèritaw, o descreveu assim:

II.A. Entrevista com Pèritaw Panará: O Ataque Kayapó à Aldeia Sonkânanan

" . . . Yu pampã ra ti, inkye nyampia, na kwè pa inke, pa. Ya mà, wusum Taunsinkô, suçahamae tipini. Ya mà, Pèngswa tipini, piântui, ya mà Sungkrekyau tipini, tepimpeintui. Intaunsinkô pinkye tipini, tepimpe tipini. Inkye nyampia pinkyè apièra ti pari suçahamaya he. Pa . . . Suçahamaya ti ra pe ra pari inkye nyampia apyèra, kwakyatpe. Ya mè na ti Pàti, Kànàkriti me, Kupakon me, Krekà me, màrà pièra yura pe ra ti. Inkye nyampia apièra yu pampã ra se ra ti. Tipini suçahamaya he, Iõsi. Tipini Patua suçahmaya he, Kànsuri, Kangkô, Sokre, Kayùng tirasot pini, tepimpeintui, piântui. Màrà tira sot pini suçahamaya he. Ya pièra ti ra pari, Kàsuri, suçahamaya he. Tumpia Wèa, màrà pièra tira pari, Taukàrkyama inkyempimpia tira pe pini, kwakyat pe . . . Inkyempimpia, tumpia ti pini kwakyat pe . . . Yamà, kwasôti, inkye piàm pia tipini, Kàyatik, inkye pã tipini Yõsuri, ikyeton tipini Kyõtiswa, inkye nàpia tipini, su:pia yi Kyitàkriti . . . Tirape pini inkye piàm pia Pèyati, inkye pã tipini Yõsuri, nàhà. Kwasotantera, inkye piàm pia apièra yura pe ti. Yamà, kwôsipe, tumpia Nansu tinpini piântui, Sõtare pinkyè tipini tepimpe, Kyítitu tipini tepimpe, piântui tepimpe intui. Taputung Kõsu tipini, ti tepimpe taputung. Yapièra ti ra pari Txuçahamaya he. Màrà màrà inkyi inkye. Nankyi ho ra kri, nankyi ho ra ra kon kri. Na kôti piau, mèra kôti piau inkye, nankyipitinsi.

"Morreu todo o mundo, meu pai e tios, eu fiquei chorando, sim. Ali, os Txucarramãe mataram meu tio Tausinko. Lá, mataram Pengswa, ele era menino, lá mataram Sungkrekyau, ele era jovem. Mataram o falecido Intaunsinko, era um jovem quando mataram. Os Txucarramãe chacinaram o meu pai e tios, chacinaram o pessoal da clã Kwakiatpe. Morreram também Pati, e Kanakriti, e Kupakon, e Kreka, aquele pessoal morreu. O pessoal todo do meu pai e tios

morreu. Os Txucarramãe mataram Iosi. Os Txucarramãe mataram Patua, Kansuri, Kangko, Sokre, Kayung eles mataram, foi um jovem, um menino. Os Txucarramãe mataram mesmo. Outro que os Txucarramãe mataram foi Kasuri. Meu sobrinho, Wea, os Txucarramãe chacinaram também, mataram Taurkarkyama, meu marido, do clã Kwkyatpe . . . Mataram meu marido e sobrinho do clã Kwakyatpe . . . Aí, no clã Kwasotipe, mataram meu irmão mais velho Kayatik, mataram meu filho Yosuri, meu irmão Kyotiswa, mataram minha mãe, lá está a sua filha, Kyitakriti . . . Mataram meu irmão mais velho Peyati, meu filho Yosuri, foi isso. O pessoal dos meus irmãos, do clã kwasotantera morreu. Lá, no clã Kwosipe, mataram meu sobrinho Nasu, era menino, mataram Sotare que era adulto, mataram Kyititu, era adulto, um jovem adulto, e o velho Kosu mataram, ele era adulto, era velho. Os Txucarramãe massacraram esse pessoal. Por isso estou com raiva. Fico com raiva, vou ficando com raiva. Não esqueci, eu não esqueci disso, estou com muita raiva." (Pèritaw Panará, aldeia Panará, Parque Indígena do Xingu, 1/09/91)

A Péritaw indica por nome 26 pessoas que foram mortas no ataque. Os Panará tentaram reagir à flecha, sem êxito. No contexto da guerra tradicional indígena foi um grande massacre. Os Panará da aldeia Sonkànasan fugiram para outra aldeia, Sonsenasan, de onde um grupo de homens saiu atrás dos Kayapó. Não os encontraram.

Esse ataque desencadeou um processo de fuga e concentração dos Panará nas aldeias mais distantes, primeiro dos Kayapó, e depois, das expedições de contato que foram chegando. O líder Panará, Akè, num discurso sintético visando contar todos os principais eventos do contato, que descreve o processo do contato desde o início até a vinda à aldeia atual dos Panará, começa justamente com o ataque dos Kayapó e o processo de fuga. Este discurso é reproduzido na íntegra, com tradução, a seguir:

II.B. Narrativa de Akè Panará: O Contato e a Transferência

1) Ipe nô amâ na pa pen pi ya, ren sampun nô pe, ipe nô amâ na pa pe. 2) Pa, re pion rapen piau le pion rapen piau Panarung. 3) Yahã se pa sukahamaya, cachimbo amâ. 4) Cachimbo ti ra se pion sukahamaya he, màmâ ti ra pari ya mà. 5) Sukahamaya ti ro pion ti ra parama. 6) Kukre ton pen yu su pô Pàtsupèri pen, tirapari pen yu pô inkya inkyura, yu su pô sonsenasan tà, ti pion. 7) Yu su pô Inkuipô tà, re pion. 8) Ti pampã rampion sukahamaya he. 9) Yu pampã

re pion. 10) Ti ro pion sukahamaya he, yu ra pen na
 pa he panara, ti rapen na pa, yura kwè, yura pe
 sumpa, re pion, re pion piti. 11) Yura mori, yura re
 nakwa, yu pe rawè akwa Yopuyupawri. 12) Re pe pion
 akwa. 13) Yura su pô clauti. 14) Yu po, yu piomo, re
 pe pini pe piu hä Panaraung. 15) Re pe pini màmà pe
 le sampun re sampun insi, ti kôtahe, ti kôtahe. 16)
 Ti sumpa panarung ti sumpapitinsi, ti pe sumpa aton
 ti sumpa, ti sampun, ti sukamaya paramà tipe
 sumpapitinsi aton. 17) Tipe para nôahe piau, reyanri
 panarung tipe pari nôahe piau pepamun sar tä, pakre
 wè sar tä. 18) Màmà na rō pakre wè. 19) Yuramori
 mèhe, yura re mèhe pakre wè hä. 20) Yahà re pe pion
 rakwa, mèhe Sèpusàrapèri mèhe. 21) Yahè re pe
 pionrakwa Yopuyupawri, kukre intuiamà. 22) Kukre
 intui Yopuyupaw. 23) Yu pô pe. 24) Yu pampã ra ti
 pitinsi panará, ya mà kukre intui amà. 25) Inkahe,
 sayopu me, sonkôtsàrhe ti pampã pini pitinsi. 26) Yu
 pampa nati, yupè mori -- inkye nàpia yura pe ti kōma
 yamà Yopuyuwamà, inke ton, inkye ton inkye ton,
 inkye nàpia tiyanri yura pe ti, yamà kukre intuiamà.
 27) Yura mori, yu pampã na ti piu hä, na ti pinmà,
 na ti pinmà nati pinmà, yuyupiã. 28) Rekre piã,
 sin tert piã re kre. 29) Nanka pitinsi na pa mà re
 na kre nô. 30) Kupa hä le pampã napô. 31) Nansô he
 ti kren pampa he kupa pa, kre piã. 32) Yamà yu
 pampã ti, ya tä kukre tum re pe pion. 33) Pampã ti
 yu pè mo, kukre ampre tä. 34) Mèmè ni yu pi ti ton
 kukre ampre amà. 35) Yu pè ra ti ton. 36) Yu mori
 inpatä, Kyaunakye tä, yuramori intui, yura pa
 kōkyatipitamà. 37) Yura kon, ha tayin mèhe rō
 Taumakyan mèhe, mèhe. 38) Yura pa pininkrè tä pesôti
 mèhe, pininkrèpô Taumakyan pininkrème yamà. 39) Yamà
 na pa pe inkye hate. Krentoma pa pe piuhä, ya,
 clauti nyõ piu hä, cuiaba tä. 40) Yamà na pa inkye,
 yura morakwa Inkonakoko tä me, kua pen yu su ra mori
 môtô amà, yura pô, mèmè pe yu su ra morakwa inpa tä,
 piu tä cachimbo piu tä. 41) Màmà ni, màmà ni na pa
 pe. 42) Panara, panara tiyãnri -- na su pô inkyemera
 su kamera ton prem tapiyar, atenir. 43) Atenir na
 kan pa pe, yuro taw yakwa inkyeho, inkonokoko tä,
 hate yuro taw yakwa. 44) Na pa mèmè pièra
 Krentomamera, yamà piu amà. 45) Yu pampm pè ti yamà
 kōkyatipità nyõ piuhä, yahã, cachimbo tä piu hä. 46)
 Yu pè ti, yu pè ti, yu pè ti, ya yu pè ti, yupiãu.
 47) Yuyupiãu, tiraswèri clauti he ya tä, inpatä,
 yata singu tä, pa. 48) "Pianahe yu pampã na ti mori
 panara" tiyãn. 49) Yu pampã ati akwa panara, yu
 pampã ati akwa, yupiãu akwa. 50) Re pion inkyemerun,
 Krekon, Kōkriti, Watuya, repion. 51) Mèra me sin
 pitra, prità. 52) Yamà re pion. 53) Rerimpari piãu.
 54) Mèrè he re papã pehe rekyaua para ahe piãu
 rempari. 55) Tati, yu sakà na ti akwa piuhä, yahä
 cachimbonyo piu hä. 56) Ya pakre wè impe,

Nàpiayõnti, ya pampã na ti akwa Nàmpiyont kon, ya mà. 57) Ya pen yura taw, màhe Nàmpiyont pen. 58) Ya pen yura pô ya tä. Yura su pô - ha Sidney su pô? 59) Yu su me taw Krekon me Kwatuya, yata singu tä. 60) "Mi sampunahe panara kua ra pa, singu amà" timeyãnri. 61) "Panara tantar, time panara su" timeyãnri Kwatuya, Krekon. 62) Yu me taw singu tä, yu me sonti singuama. 63) Kwëramà putikõma yu pè me pô, pesõto tä. 64) Yu pampã kyèr panara. 65) Kupura su ra su pa mor, panara su. 66) Ra su pa mo panara su ra pampã ti nõahe piãu yamà pesõto mà. 67) Pampã ti nõ ahe piãu, reyãnri panara. 68) Ti swèri apião ra nà pìtira, nàpitinsi ra apião nà. 69) Atenir he, kuara ra sèr pa ton, Pariti, Pariti ra kan pa pe pesõtori, yura kan pa pe màrà tìswèr apião, ti swèr, yura su pô, putikõma apião inà. 70) Pukõma piãu, putempe, yura kan nõ waka. 71) Yu nõ wa ka apião inà, ren tan kyèr, ren tan kyèr, yu pen inkin inswa. 72) Ren swa krenõpen, krenõwantera ren swa. 73) "Krenõwantera kan swa" tiyãnri pariti, ti nõ tan kyèr. 74) Ti nõ tan kyèr ne. 75) Pètikõma yuro taw ya swa, yuro taw singu tä. 76) Yuro pô.

77) Yura su pô apião, yuro san aswa. 78) Yuro san krenõwantera ho. 79) Yura su kwè ton. 80) Tinkyè nan kyèr, yu pen kya ti kye na kyèr inton? 81) Kwasõtanta ren kyèr inswa ton, apião twèn ama. 82) Inkyè na kwè, inkyè na san, kwasõtanta. 83) Sapu yu pèra sa kwè ton. 84) Tinkyenakyèr kwakyatanta. 85) Kwakyatanta tira piori, yuro pô, ti ro yupiãu. 86) Ya na yu su pô, ya na su pô, ya na su pô, tiyãnri ti nõ yupiãu, ya tä singu tä. 87) Yura tä pa nõ peixotori. 88) Yura pô singu tä, na pa diauarumri, na pa, na pa piãu, tiran tawri. 89) Tira swèri Prepuri he. 90) Prepuri he ti ho swa. 91) Pen no mori môtõ amà, yura san, yura san. 92) Màrà ni yu sa kan na ti ton Prepuri ya kan. 93) Ya yu ti ya yu ti ya yu ti, ya yu ti, re pe sa kan kyanri ti. 94) Re pe sa kan kyanri Prepuri ya kan. 95) Sa kan na pa Prepuri ya kan, ti pè ra swèri Rauni he. 96) Rauni he ti pè ra swèri. 97) Yu pèrasu pô Rauni. 98) "Inkyè inko inkyè inko kana kan na san" tiyãnri Rauni he. 99) Yura su pô Rauni. 100) Yu pè ra mori Rauni Kretire tä. 101) Yu pè ra sa kan na pa Kretire ri... No pakwa Kretire ri. 102) Màrà ni yu pè sa kan na ti ton. Tanri ti pè sa kan kyanri mè he inti he. 103) Yupiãu akwa. 104) Yu yupiãu akwa Panara yahã singu ri. 105) Yura ti, ti pè ma sum clauti mà. 106) Yu pè ra su pô Siti mu hä tä Kretire tä. 107) Yu pèra su mori siti. 108) Yu pampã ra tik akwa Kretireri, Rauni ya kan. 109) Pen yu pe ra mori, yura mo Kuyussi su Suya su. 110) Màrà ni yu pè sa ka na san Kuyussi ya kan. 111) Ra ton ti piãu màrà ni. 112) Ra ton ti nõ, ra ton ti nõ Suya ya kan. 113)

Màmà ní sa ka nare pìti, yu sa ka nare pìti, tiransum Kuyussi, yuri hà pa piang hate tiyānri. 114) Ha te gati na pa tiyānri clauti he, ha te ga pa suyamera tiyānri clauti màmà gati na pa tiyānri tiyan. 115) Yura mori inkyemera, hate tā kajabi pu tum tā. 116) Yura mori, yura san kajabi nyõ pu tunamà. 117) Yurasan, màmàni yu pè ra ti ton panara. 118) Yu pè ra ti ton. 119) Pian kupura pè ti tapiyar. 120) Ya yu ti, ya yu ti, ya yu ti, ya yu ti ya yu ti, tiyānri tapiyar. 121) He, tiyānri pè ra ti kajabinyõ pu tun amà. 122) Yuri ti papa ahe pa pe pian kupa he renkyānri. 123) Re na peni, pe yu tā to kin. 124) Yu ra suri inkye tā, tayin a sum. 125) Yu pèra mori pe tā, mu he singu kon. 126) Màmà ni yu pè ra ti ton. 127) Màmà ni pè ra ti ton. 128) Yurape ti, namprena yura pe me ti, yura pe ti inkyeyõn pã, yu ti ton, yu ti ton, tipèyanri ti he. 129) Yuyupiãu. 130) Yuti mi he na pampã na ti màmà ni ra pampã na ti pe tā. 131) Màmà pe yu pè ra mori intui ya hà. 132) Yura san màhe. 133) Ya hà na sampun màmà yura ti nõ amà, yu tara yõ pu, inti nõ amà. 134) Nankyo punama nankyo inkeytama, yu nakyon pun. 135) Yu kôma pè ti Seakyanyõ pã. 136) Pian kupu wayãn, tapiyar, tu sàr tàrti yahã, pian ku penintiti lenkyãn. 137) Yu pè ti piti Sekayn pã, ya mèhe. 138) Nàhà. Pa. Nàhà. (Entrevista com Akè Panará, 29 de outubro de 1991, aldeia Panará, Parque Indígena do Xingu)

1) Ficamos ali sem brancos ou outra gente, não vimos os brancos, ficamos sem brancos. 2) Antes os Panará não se juntavam num só lugar, antes não se juntavam. 3) Os Txucarramãe (Kayapó) estavam ali no Cachimbo. 4) Os Txucarramãe se juntaram no Cachimbo, os mesmos que nos massacraram ai. 5) Os Txucarramãe no massacre, fez com que nós nos juntássemos. 6) Os Panará da aldeia do massacre e de outras aldeias, de Pàtsupèri, foram chegando na aldeia Sonsenasan, se juntaram. 7) Chegaram no Inkuipo, se juntaram. 8) Os Txucarramãe fizeram todo o mundo juntar-se. 9) Todo o mundo se juntou. 10) Os Txucarramãe fizeram todo o mundo juntar-se, e os Panará foram indo, foram indo, saíram, ficaram com medo, e juntaram-se, se juntaram num só lugar. 11) Partiram, e atravessaram o rio, estava ficando muita gente na aldeia Yopuyupaw. 12) Juntaram-se, mas depois voltaram. 13) Chegou o Cláudio (Villas Boas). 14) Ele chegou, e saíram, e os Panará mataram um branco na estrada. 15) Mataram, e viram lá, viram bem aquele mesmo pessoal que veio para amansá-los. 16) Ficaram com medo, os Panará ficaram com muito medo, tiveram medo das espingardas, que viram e ficaram com muito medo de espingarda quando os Txucarramãe

os massacraram. 17) "Não deixaremos os brancos nos matarem", disseram os Panará, "Vamos para o outro lado, o outro lado do rio grande (o Peixoto) para que os brancos não nos matem." 18) Aquele mesmo rio grande, lá. 19) Partiram daí e atravessaram o rio grande. 20) Lá na aldeia Supusaraperi se juntaram mas foram embora. 21) Lá em Yopuyupaw estavam se juntando, nas casas novas. 22) Em Yopuyupaw tinham casas novas. 23) Os brancos chegaram. 24) Todos os Panará morreram, lá nas casas novas... 25) A tosse, catarro, e dor de peito matou mesmo todo o mundo. 26) Morreu todo o mundo, e os outros saíram... minha mãe morreu então lá em Yopuyupaw, meu irmão, meu irmão, meu irmão, e minha mãe morreram assim, lá nas casas novas. 27) Os outros partiram e morreu todo mundo no caminho, ficaram morrendo, ficaram morrendo, ficaram morrendo, e acabou. 28) Não os enterraram, estavam fracos demais para enterrar os mortos. 29) Estavam muito doentes e por isso não os enterraram. 30) Apodreceram todos no chão. 31) Os urubus comeram todos no chão, pois não os enterraram. 32) Aí todo o mundo morreu, e os outros se juntaram ali nas casas velhas. 33) Morreu todo o mundo e os outros partiram novamente para a aldeia velha. 34) No mesmo lugar voltou a morrer mais gente, nas casas velhas. 35) Voltou a morrer mais gente. 36) Partiram para a aldeia Kyaunakye, estavam saindo, e foram para a estrada. 37) O rio Braço Norte fica aí. 38) Lá, está a boca do Braço Norte, onde ele desemboca no Peixoto, lá. 39) Eu fiquei lá só. Krentom ficou na estrada, na estrada do Cláudio, para Cuiabá. 40) Fiquei lá só, e ia sair para a aldeia Inkonakoko, parti para lá no motor, cheguei, e de lá ia partir para a estrada, para a estrada do Cachimbo. 41) Fiquei lá naquele mesmo lugar. 42) Os Panará, os Panará disseram - quem de vocês foi que chegou para nos buscar, o Odenir (Pinto)? 43) O Odenir estava lá, e ia me levar para Inkonakoko, ele ia só. 44) O Krentom e aquele pessoal ficaram aí na estrada. 45) Lá na estrada todo o mundo voltou a morrer, na estrada para Cachimbo. 46) Morreram de novo, morreram de novo, morreram de novo, aí morreram de novo, acabou. 47) Acabou, e Cláudio nos chamou para vir aqui, para o Xingu. 48) "Como é que estão começando a morrer todos os Panará?" disse. 49) Quase morreram todos os Panará, quase morreram todos, quase acabou. 50) Nós nos juntamos, Krekon, Kokriti, Kwatuya, a gente se juntou. 51) Eles dois que estão sentados aí eram pequenos. 52) Aí a gente se juntou. 53) Nós não entendemos. 54) Não entendemos o que o branco queria, ou se era mentira. 55) Bem, quase morremos lá na estrada para Cachimbo. 56) Lá no rio Peixotinho Primeiro, todo o mundo quase morreu no Peixotinho Primeiro. 57) Saíram de lá, do

Peixotinho Primeiro. 58) De lá, passaram aí. Então chegou - foi o Sidney que chegou? 59) O Krekon e Kwatuya os dois vieram aqui, para o Xingu. 60) "Vamos ver os Panará que tem lá no Xingu," disseram os dois. 61) "Bem, Panará, parecem Panará", disseram Kwatuya e Krekon. 62) Os dois foram para o Xingu, e dormiram no Xingu. 63) No segundo dia voltaram ao Peixoto. 64) Os Panará convocaram a viagem. 65) "Vamos então partir para buscar os Panará. 66) Vamos partir para buscar os Panará para não morrer todo o mundo aqui no Peixoto. 67) Não morrerá todo o mundo," disseram os Panará. 68) Chamaram dois aviões grandes, aviões muito grandes. 69) O Odenir - tinha chegado um outro, (Fiorello) Parisi, Parisi estava no Peixoto, ele já estava e ele chamou o avião, chamou, e chegou um avião grande de manhã. 70) Não de manhã, de tarde e esperou o amanhecer. 71) O avião grande esperou o amanhecer, e convocaram a viagem, convocaram a viagem, quem que queria ir primeiro. 72) O Krenôwantera clã foi primeiro, o krenôwantera clã foi primeiro. 73) "O Krenôwantera clã pode ir primeiro," disse o Parisi, convocando. 74) Convocaram então. 75) De manhã saiu o primeiro para o Xingu, saiu para o Xingu. 76) Chegou.

77) O avião chegou, aterrizou o primeiro. 78) Aterrizou com o Krenôwantera clã. 79) Um outro foi. 80) Eu convoquei o pessoal, quais que iam no outro? 81) O Kwasôtantera clã resolveu ir no outro avião depois. 82) Eu fui, eu fiquei com o Kwasôtantera clã. 83) O outro avião voltou. 84) O Kwakyatantera clã resolveu ir. 85) O Kwakyatantera clã se juntou, chegou, e acabou. 86) Aí chegou, chegou, chegou, assim e foi só, aqui no Xingu. 87) Não estávamos mais no Peixoto. 88) Chegamos no Xingu e ficamos no Diauarum (posto da FUNAI), ficamos, aliás não ficamos, fomos embora. 89) Prepuri (O chefe Kajabi) nos chamou. 90) Prepuri chamou primeiro. 91) Fomos indo no motor, e ficamos, ficamos. 92) Naquele lugar morreu mais gente, na aldeia do Prepuri. 93) Aí morreu, morreu, morreu, morreu, morreram assim. 94) Foi assim na aldeia do Prepuri. 95) Estávamos na aldeia do Prepuri e o Raoni (chefe Kayapó) nos chamou. 96) Raoni nos chamou. 97) Raoni chegou nos buscando. 98) "É comigo, é comigo que vocês devem ficar" disse o Raoni. 99) O Raoni veio. 100) Raoni partiu para (a aldeia Kayapó do) Kretire. 101) Mudamos para o Kretire, moramos no Kretire. 102) Naquele lugar voltou a morrer mais gente. Morreram assim lá. 103) Quase acabou. 104) Os Panará quase acabaram aqui no Xingu. 105) Morreu, e voltamos a falar com Cláudio. 106) O Sidney (Possuelo) chegou aí no Kretire. 107) O Sidney foi embora. 108) Quase morreu todo o mundo no Kretire, na aldeia do Raoni.

109) Então fomos indo novamente, partimos para o Kuyusi (chefe Suya), os Suya. 110) Ficamos naquele lugar, na aldeia do Kuyusi. 111) Não morreu ninguém naquele lugar. 112) Não morreu, não morreu na aldeia dos Suya. 113) Naquele lugar fizemos uma roça, fizemos uma roça, e o Kuyusi disse, "Onde vocês gostariam de ficar sozinhos?", assim. 114) "Os Suya e os Panará podem ficar separados," falou o Cláudio, "vai ficar assim," ele disse. 115) Nós saímos para ficar sós na roça velha dos Kayabi. 116) Partimos, e ficamos na roça velha dos Kayabi. 117) Ficamos, e naquele lugar voltou a morrer mais Panará. 118) Morreu mais gente. 119) O que foi que os matou? 120) Aí morreu, morreu, morreu, morreu, morreu, foram mais ou menos assim. 121) Então, morreram mais ou menos assim na roça velha dos Kayabi. 122) "Onde é que vamos ficar, em que terra?", disseram. 123) Procuraram, e rio abaixo parecia bom. 124) Eu fui olhar. 125) Partimos de novo rio abaixo no Xingu. 126) Naquele lugar voltou a morrer mais gente. 127) Naquele lugar morreu mais gente. 128) Morreu, morreram mais dois, meu filho morreu, morreu outro, morreu outro, morreram assim. 129) Acabou. 130) O que podíamos fazer com todo o mundo morrendo naquele lugar, com todo o mundo morrendo lá rio abaixo. 131) De lá partimos novamente para vir aqui. 132) Ficamos aqui. 133) Aqui que você está vendo, não morreu ninguém, temos roça, não estamos morrendo. 134) A febre que pega muita gente passou por enquanto. 135) Agora morreu o filho do Seakya. 136) Não sei o que o matou, teve dificuldade de respirar, não sei o que fez assim. 137) Aqui morreu o filho do Seakya, só ele. 138) Foi isso, sim, foi isso.

Akè conta aqui, de forma resumida, os pontos centrais do processo de contato na visão Panará: a fuga e a morte. Relato depois, em linhas gerais, as andanças dos Panará dentro do Xingu, as quais discutiremos adiante. Como ele descreve, sucederam-se grandes transtornos aos Panará após 1968. Os Panará, amedrontados com a possibilidade de outro ataque de inimigos com armas de fogo tão devastador quanto o de 1968, foram se retirando diante das frentes de atração, inicialmente no sentido oeste, e depois de 1971, para o sul, reunindo-se nas aldeias ainda não localizadas por avião, até o início das epidemias pouco antes do contato definitivo em 1973. Após o ataque dos Kayapó durante a estação chuvosa de 1968, os residentes da aldeia destruída deslocaram-se para o sul, para a aldeia Sonsenasan, onde plantaram roça. Na estação da seca, ainda em 1968, um avião chegou e jogou produtos na praça da aldeia. "Màmà ni yu pô apião, ti men soti, pekà, hapola, nangkà me," lembra Seakyan (Naquele lugar um avião chegou e jogou coisas: roupa, uma bola, missangas - entrevista com Seakyan Panará, Matupá, Mato Grosso, 2/11/1991). Embora os presentes provocassem uma

discussão entre os Panará sobre as intenções dos brancos, após o ataque dos Kayapó e o incidente no Cachimbo, além da tradição guerreira do grupo de mais de trezentos anos, os Panará não se convenceram das intenções pacíficas daqueles. Deixaram o Sonsenasan, dirigindo-se para a aldeia mais próxima, Inkuipô, perto do Peixotinho Primeiro, e ainda naquela estação seca, plantaram roça novamente. Nesta altura, os ex-residentes de duas aldeias tinham se juntado com o pessoal de uma terceira aldeia, o Inkuipô. Souberam, porém, que brancos (a primeira expedição de contato) tinham chegado no Sonsenasan e que bens - facões, panelas, missangas e outros - lá estavam pendurados. No começo de 1969, um avião sobrevoou o Inkuipô. Esperando a roça amadurecer, permaneceram lá até o início da próxima chuva (de final de 1969 ou começo de 1970), quando se deslocaram para Kyaunakye. De lá, um grupo voltou para Sonsenasan para pegar os facões, machados e missangas ali deixados. Sumôkriti, um dos integrantes desse grupo, lembrou: "Kyèyasàr me, nangkà me re kwèri, inkyemera. Rerim pari piãu kôkiati, re kwèri piãu, kàyasàrpase re kwèri." (Pegamos facões e missangas. Não entendemos panelas, não as pegamos, pegamos machados - entrevista com Sumôkriti Panará, Matupá, Mato Grosso 2/11/1991). Não esperaram o milho amadurecer no Kyaunakye (ou seja, não permaneceram nem até fevereiro de 1970), e foram para Patsuperi, no Rio Nhandu. Na seca, plantaram um número grande de roças, já que a maioria da população do grupo estava agora concentrada em duas aldeias. Pàtsupèri, já habitado há muito tempo, não mais dispunha de terra suficiente nas redondezas para sustentar um número tão grande de pessoas. No verão de 1971, um grupo foi construir uma nova aldeia, Tôpayuron, no Rio Braço Norte. Neste momento, a grande maioria da população, anteriormente distribuída em oito aldeias, tinha se juntado em não mais que quatro aldeias - Pàtsupèri, no Rio Nhandu, Tôpayuron, no Rio Braço Norte, Yopuyupaw e Supusàrapèri, no lado sul do Peixoto. Como Akè coloca na entrevista citada acima, fizeram casas novas em Yopuyupaw para alojar os novos contingentes populacionais.

Segundo os brancos incumbidos de fazerem o contato, os Panará pareciam "a tribo que se esconde do homem", como foram chamados num filme documentário da época. Cláudio e Orlando Villas Boas souberam do ataque de 1968 por meio dos Kayapó e começaram a montar uma expedição de contato. Sobrevoaram a área indicada pelos Mekragnoti e localizaram a aldeia queimada, Sonkànasan. Na sequência, localizaram outras aldeias e jogaram os brindes de avião. Ainda em 1968, conseguiram cortar uma picada do Rio Manitsaua Missu, no parque do Xingu, até o Peixoto de Azevedo. Encontraram a aldeia Sonsenasan, já abandonada, mas não lograram fazer contato. No ano seguinte, o apoio financeiro para o contato foi retirado e tiveram que desistir, apesar dos já adiantados planos para a abertura da rodovia Cuiabá-Santarém, que cortaria o centro do território tradicional

dos Panará. A tentativa de fazer contato só seria retomada em 1972, com a expedição de contato avançando paralelamente aos trabalhos dos topógrafos, que abriam o traçado da estrada.

Com o avanço da estrada, em 1972, os Villas Boas retomaram a tentativa de fazer contato, dessa vez saindo do Cachimbo. Com a aproximação da estrada, já havia a iminência de conflitos. Aviões localizaram a aldeia Tôpayuron, e a maioria dos Panará se deslocou para Yopuyupaw. Quando a estrada começou a chegar mais perto, alguns voltaram para ver. Encontraram e mataram um topógrafo abrindo o traçado da estrada, e viram a expedição de contato. Cláudio Villas Boas se instalou no Rio Braço Norte, perto do Peixoto, e os Panará voltaram para Yopuyupaw, mas, vinham freqüentemente pegar os bens deixados para atraí-los.

Foi esse o momento que Akè caracterizou como o momento quando "todos os Panará morreram". Com todos ou a grande maioria dos Panará juntos numa só aldeia, estourou um epidemia de influenza ou gripe, com sintomas de tosse dolorida, catarro, dores pulmonares e febre. Os Panará chamam este momento de "na tìk pire hä" ("o tempo quando todo mundo morreu"). A concentração da população numa aldeia facilitou a transmissão da doença. Akè, como todos os sobreviventes, frisa que todos ficaram doentes. Como transparece na entrevista, morreram tantas pessoas que os sobreviventes não foram suficientes, ou não tinham força suficiente, para as enterrar, e os urubus comeram os mortos apodrecendo no chão. No mínimo, morreram 65 pessoas no primeiro momento da epidemia (veja anexo 4). Essa foi a primeira incidência em grande escala de epidemias de doenças outrora desconhecidas pelos Panará, problema que, a partir daquele momento, passou a ser a maior e mais persistente ameaça à sobrevivência do grupo. Akè, num outro discurso, de caráter didático, caracterizou o entendimento Panará acerca do início das "doenças do branco" nos seguintes termos:

"... Na tì nômà na pa pe, sonpèri ho le na pa pun na pa pe ... Ha yu ra tì yu ra pa pe inkyemera? Ha nayôpu na pa pe inkyemera? Ha yu ra ka ho na pa pe inkyemera? Ha màmà he tì ra pe ra pari ipriara inka he? Kôma yu pìtira su pô hipe yu pô, yu pampã ra tì. Hipe yu pô, yu pampã ra tì yuyupiãu, yuyupiãu. Na tì nôm apen, na tì nôm màrà pa apen. Na tàrti nampia yapen natàrti kyankàtèrti nampia apen. Inkyaupitinsi màrà pa pe, tì kôma yu pampã ra tì peamã pampã ra tì, peamã yu pampã ra tì... Màmà na kan sun."

Vivíamos sem morrer assim, tinha só feitiçaria às vezes ... Ficávamos morrendo? Ficávamos com catarro? Ficávamos com tosse, o mesmo que mata as crianças? Agora, quando uns poucos brancos chegaram, morreu todo mundo. Chegou o branco, e morreu todo o mundo,

acabou, acabou. Antes não morria, ficávamos sem morrer. Antigamente quando tinha doença, a gente se espalhava pelo mato e não pegava.

Não foi assim depois, agora todo mundo morreu com os brancos, com os brancos todo mundo morreu... Lhe digo isso. (Discurso de Akè Panará, 29/10/91, aldeia Panará, Parque Indígena do Xingu)

Cláudio Villas Boas, apressado pela abertura iminente da estrada, já localizara a aldeia Tôpayuron, instalando-se nas redondezas. Quando os Panará resolveram voltar, no final de 1972, atraídos pelos brindes, encontraram Cláudio os esperando. Em fevereiro de 1973, os Panará entraram no acampamento de Cláudio Villas Boas, no Rio Braço Norte, a pouca distância da aldeia Tôpayuron. Em dezembro do mesmo ano, a estrada foi aberta ao tráfego.

Sucedeu-se a história amplamente documentada na imprensa e nos relatórios oficiais da época. Os Panará, até então arredios ao contato, ficaram fascinados com os trabalhadores na estrada (o 9º BEC) e depois, com o trânsito que veio chegando. Não existiam meios confiáveis de comunicação entre a FUNAI e os índios, já que nem os Xavantes nem os Kayapó trazidos como intérpretes conseguiram mais do que comunicações meramente primitivas. Os índios freqüentavam a estrada, chegando a fazer uma pequena aldeia quase na beira da estrada, a doença se espalhava para Tôpayuron e as outras aldeias, e os conflitos internos ao grupo se agravavam. Já que a explicação mais comum sobre o elevado grau de doenças e das mortes era a feitiçaria interna do grupo, a mortalidade por doenças somou-se a um número considerável de homicídios por acusação de feitiçaria. Em 1974, a FUNAI interditou uma área entre a estrada e o Rio Nhandu (deixando de fora, portanto, a maior parte da área de ocupação tradicional dos Panará) chegando a fazer uma nova aldeia mais distante da estrada, Kônakoko, com o intuito de deslocar os índios para lá. Não funcionou. Em 11 de janeiro de 1975, os 79 Panará que sobreviveram foram transferidos para o Parque do Xingu em dois aviões Búfalo da FAB, como Akè lembrou.

III. O Xingu

Os Panará chegaram ao Xingu famintos, sem nenhuma grávida, todos portando malária e muitos anêmicos e infestados de parasitas (Marcopito 1979: 41). O planejamento para recebê-los no Xingu consistiu na plantação de uma roça de milho e construção de uma casa na aldeia dos Kayabi, chefiada por Prepuri. Chegaram no posto Diauarum, foram examinados pela equipe médica da Escola Paulista de Medicina e subiram para a aldeia de Prepuri. O antropólogo Heelas, chegando em 28 de

fevereiro de 1975, notou que "quase todos estavam sofrendo ou de malária, ou gripe, ou pneumonia ou de vários desses ... durante os primeiros dois meses na aldeia nova, morreram cinco, deixando um total de 74 pessoas" (carta de R. Heelas para Olímpio Serra, 13/04/75). No final de março, como estavam passando fome na aldeia de Prepuri, as autoridades do Parque resolveram transferir os Panará para a aldeia Kretire, dos seus antigos inimigos, os Kayapó. Embora houvesse mais comida nessa aldeia, a situação era extremamente opressiva. A situação de saúde continuou precária e várias mulheres se casaram com Kayapó. Após uma difícil negociação, em outubro de 1975, os Panará foram retirados dali, embora deixando várias mulheres e crianças com os Kayapó. Nesse ponto, tinham morrido mais cinco pessoas, ficando 69 Panará. Passaram um mês no posto Diauarum, fazendo tratamento médico, e foram para a aldeia Suya, no Rio Suya Missu. Com a saúde melhorada, plantaram roça própria e, em um clima social marcadamente menos opressivo, passaram a retomar suas iniciativas próprias de modo geral. Surgiram lideranças novas, estimulando a prática de danças, canções e ritos tradicionais. Na estação seca de 1976, identificaram o sítio de uma aldeia própria numa antiga aldeia dos Kayabi, entre o Suya Missu e o Rio Xingu. No final do ano, mudaram-se para lá.

A fundação da primeira aldeia própria dos Panará no Xingu foi evidentemente um ponto chave na trajetória do grupo - a partir daí, iniciou-se um processo de crescimento populacional, reconstrução cultural e social, e adaptação ativa às novas circunstâncias econômicas, ecológicas e sociais com as quais se depararam no Xingu. Entretanto, a sua experiência no Xingu continua a ameaçar o projeto de independência cultural e econômica assumido pelos Panará, como veremos adiante.

Os Panará cresceram significativamente na nova aldeia. Em setembro de 1980, havia 84 pessoas na população total (contando-se os Panará residentes com outros grupos) e até dezembro de 1982, 95. Em agosto de 1992, a população total havia atingido cerca de 135 pessoas. Apesar disso, a situação de saúde dos Panará continua precária. A taxa de mortalidade para crianças com menos de 3 anos foi de 38% entre 1976 e 1983. Surto de malária, gripe, influenza, coqueluche, e catapora assolaram o grupo, enquanto vários indivíduos contraíram tuberculose e meningite. Repetidas epidemias em 1982 e 1983 paralisaram o crescimento e, com a morte de umas cinco pessoas em 1983, os Panará buscaram um novo local, abaixo da estrada BR-080, na margem esquerda do Rio Xingu. Em maio de 1983, mudaram-se para lá. Quando a situação de saúde deteriorou novamente em 1989-90, particularmente com a morte do filho de uma liderança importante, mudaram-se para a fronteira do Parque, no Rio Manitsaua Missu, aonde se encontram atualmente. As mudanças são explicadas pelos Panará sempre com referência à situação

de saúde e à morte. Inclusive tradicionalmente, a mudança de aldeia no Peixoto, é explicada nesses termos. Nas mudanças no Xingu, a disponibilidade de terra adequada para a agricultura é também citada como motivo.

A transferência para o Xingu resultou também em tensões sociais de difícil resolução. Antes do contato, os Panará não mantinham relações pacíficas com nenhum outro grupo. Chegaram no Xingu fisicamente debilitados, socialmente desorganizados e vulneráveis inclusive por motivos demográficos - tinham mais mulheres do que homens. Sofreram, especialmente nos primeiros momentos, grandes pressões para se integrarem a outros grupos, principalmente aos Kayapó, seus piores inimigos tradicionais. O relato de Heelas, que estava presente na aldeia Kretire com os Panará na época, deixa claro que o chefe Kayapó pretendia que os Panará ficassem "junto" com os Kayapó, e que eles só conseguiram sair de lá sob o pretexto de um surto de influenza, mas mesmo assim, deixando sete adolescentes (Heelas 1979: 19). Posteriormente, os Panará conseguiram que alguns desses retornassem. Entretanto, umas doze pessoas foram incorporadas a outros grupos em bases permanentes (ver anexo 3). Ao longo dos últimos 16 anos, os Panará conseguiram se estabelecer enquanto grupo independente no Xingu. Mesmo assim, a transferência para o Xingu acarretou a perda parcial de sua autonomia, colocando-os como uma minoria dentre uma minoria, politicamente menos importante e menos poderosa do que outras etnias maiores.

É importante ressaltar aqui, que, no momento mais difícil da sua história recente, os Panará se encontraram não somente desamparados tecnicamente e debilitados fisicamente, como também cercados de pressões dos recentes inimigos para abandonar a sua cultura e formas de organização social autóctones. É particularmente importante entender a dimensão ecológica e econômica da transferência para os Panará. Eles habitavam antes uma região de terra firme, com amplas quantidades de terra boa para a sua agricultura tradicional, fartura de caça e de peixe em córregos e igarapés acessíveis sem o uso da canoa e ainda, com grande ocorrência de espécies de frutas nativas de considerável peso na alimentação, tais como castanha do Pará, açaí, cacau selvagem, cupuaçu, buriti e outras. Foram deslocados para uma área de várzea, onde qualquer trânsito entre novembro e abril é impossível sem canoa ou barco, muito menos a pesca. O Xingu ocupa uma área de transição ecológica entre os cerrados do sul e leste, e a floresta tropical densa e fechada do norte e oeste. Várias espécies de frutas nativas comuns no Peixoto não ocorrem no Xingu, como, por exemplo, a castanha, o açaí, o cacau selvagem, o mamão bravo e o cupuaçu. A perda só da castanha, numa economia baseada na caça, pesca, agricultura e coleta de subsistência, representa um dano duplamente grave. Primeiro porque a castanha é uma fonte de alimentação de alto valor nutritivo,

que produz grandes quantidades de comida [uma árvore produz uma média de 70-85 kilos de sementes por ano (Pesce 1985: 128)], num ponto do ciclo agrícola em que a maioria das plantas da roça tradicional não está produzindo (aproximadamente de novembro a março). Segundo, por que a castanha alimenta certas espécies de caça (o jabuti, por exemplo), cuja densidade populacional pode depender da sua ocorrência ou não. A mesma dinâmica prevalece com as outras espécies, de tal forma que a constante reclamação dos Panará sobre a falta de vários tipos de frutas nativas e de caça, é entendida em face do empobrecimento ecológico objetivo. São frequentes os comentários como o de Seakeri sobre a caça na ocasião de uma caçada no Xingu:

"Muhe tôrinsi me, akuti me, swasinà me. Ya tä sot pa piãu, swasinà inkyau ya hä. Inkyit ankyè na pa ya hä. Sot pa piãu ya hä. Mukuahä, kwakriti inkyeti, kwakriti me, akuti me inkon me, tôrinsi me inkyetpitinsi.

Lá (no Peixoto) tem tatu, jabuti, porco queixada. Aqui não tem caça, não tem porco queixada. Só tem anta aqui. Não tem caça aqui. Lá tem muito macaco prego, jabuti, macaco preto e muitíssimos tatus (entrevista com Seakyeri Panará, 30/10/91, aldeia Panará, Parque Indígena do Xingu).

A falta de terra boa para a agricultura no Xingu é outro ponto de constante reclamação dos Panará. Os Panará praticam uma agricultura mais diversificada do que a maioria dos grupos no Xingu. Tradicionalmente, plantavam quatro variedades de batata, cinco variedades de cará, seis tipos de banana, amendoim, cinco tipos de milho e dois de mandioca, além de mangarito, abóbora, cabaça, urucum e algodão. Na sua classificação, só a "terra preta" (kupa kyan) é apta para cultivar as plantas mais exigentes. De fato o esgotamento de terra adequada à agricultura foi um fator de peso nas últimas duas mudanças de aldeia dos Panará. A agricultura Panará foi reconstruída vagarosamente, já que saíram do Peixoto sem nenhuma muda, semente ou raiz. Pelo menos dois tipos de batata doce e dois tipos de cará não foram recuperados. É perfeitamente possível, dado a diversidade da agricultura tradicional Panará e o longo tempo de isolamento do grupo, que o material genético de sua agricultura tradicional, inexistente em outro lugar, tenha se perdido na transferência. Certo é, que o conhecimento Panará do ecossistema do Peixoto de Azevedo - flora, fauna, e relações ecológicas naturais - constitui um patrimônio de imensa importância prática e científica, patrimônio esse, insubstituível.

Quadro 1

Espécies de Plantas Comestíveis Presentes no Peixoto de Azevedo e Ausentes ou pouco Frequentes no Xingu³

Pà'su	Castanha do Pará	Bertholletia excelsa
peyà	Açaí	Euterpe precatoria
nape	Açaí	Euterpe longibracteata?
swakônkyan	Cacau	Theobroma cacao
sôpôa	Cupuaçu	Theobroma grandiflora
kwakriti	Mamão bravo	Carica papaya
Kutinsipèri	Cajú	Anacardium occidentale
Inkwa	Buriti	Mauritia vinifera
Sêpusàrpèri	Pequi ⁴	Caryocar villosum

Quadro 1 identifica algumas frutas conhecidas e usadas pelos Panará no Peixoto que inexistem ou ocorrem com bastante menos frequência no Xingu.

³ Essa listagem contém somente plantas alimentícias, cuja identificação é segura e que, pela descrição dos informantes, foram fontes de maior importância na alimentação. Portanto, exclui várias espécies de identificação insegura (por exemplo, kwakyan, talvez a pupunha, *Bactris gasipaes*, sotina, "cajá?" ou katarta, ?), bem como espécies que parecem ter sido de menos importância na alimentação (renta kyan, "murici", pa ka, "api"). Também são excluídas espécies que ocorrem com uma certa frequência no Xingu (por exemplo, kwatintepi, "inajá", kwatikyan, "tucum", ngroyakyan, "macaúba"). Além disso, plantas utilizadas para outros fins que não só a alimentação não constam. Por exemplo, yantawso, ?, utilizada para fabricar arcos, ou taunsiperi, ?, usada na fabricação de bordunas. A listagem do quadro 1 representa, de forma extremamente truncada, o número de espécies comumente utilizadas pelos Panará no Peixoto, que inexistem ou são pouco frequentes no Xingu. Só da categoria de espécies frutíferas, constam dez espécies não mencionadas aqui, mas conhecidas dos Panará, sobre as quais nem o nome em português é conhecido.

⁴ O pequi, ou "piquia", de fato existe em grande número no alto Xingu, onde é inclusive plantado pelos tradicionais alto-xinguanos. Na área norte do Parque Indígena do Xingu, onde estão os Panará, é muito menos comum e os Panará não costumam plantá-lo.

IV. Conclusão

O próprio êxito dos Panará em recompor a sua sociedade oculta a dimensão da perda que sofreram durante o contato e na sua seqüência. Qualquer visitante à aldeia Panará, no Xingu, observará um grupo empenhado no trabalho cotidiano, praticando ativamente cerimônias próprias e manifestando, na própria forma de construção da sua aldeia, a sua estrutura social tradicional. Observará um grupo aparentemente tão bem adaptado e tão independente quanto os outros grupos indígenas no Xingu. No entanto, até mesmo um conhecimento superficial da história do contato dos Panará e das reflexões próprias das lideranças Panará sobre a sua experiência e perspectivas para o futuro no Xingu, mostra claramente que a perda dos Panará foi grande, e que seus efeitos pesaram e continuam a pesar, sob diversas formas, sobre eles. A colocação de Akè sobre a sua visão do Xingu e o Peixoto é representativa:

Inkye kin piãu ya hä singu amà, inkye kin nô amà màrà pa anka. Sot kyã nô amà màrà pa inkye kin nô. Soti nô amà inkye kin nô . . . kupa anka me pun le pa anka. Tun kupa kin, màrà inko . . . Màrà inko ta ra pa kin. Peixoto ri, nayõ kupa kin, nayõ sot kyã, nayõ soti inkyeti, soti me pun. Soti inkyetamà, na soti sonsàr tàrti inkye. Nayõsàr tàrti, Peixoto tà, nayõ kupa tà, na wàa tà.

"Estar aqui no Xingu não me agrada, é ruim estar num lugar que não gosto. Estar sem árvores frutíferas não me agrada. Não gosto de ficar onde falta tudo ... Ficar em terra ruim também está mal. Terra boa, como tivemos, é que é bom ... É assim que é bom. No Peixoto, tivemos terra boa, tivemos árvores frutíferas, tivemos muita caça, aí era muita coisa. Tenho muitas saudades de estar num lugar rico assim. Sinto muita falta do Peixoto, da minha terra, que era grande (entrevista com Akè Panará, 30/10/1991, aldeia Panará, PIX).

A perda dos Panará pode ser considerada em termos demográficos, territoriais, e ecológicos. Em termos demográficos, considerando o ponto mais baixo da trajetória populacional no final de 1975, quando sobreviviam 69 Panará, significa que pelo menos 79% da população existente em 1968 tinha falecido, ou aproximadamente 260 pessoas. Esta estimativa é absolutamente mínima e baseada em relatos de nomes de pessoas (ver nota 1 acima). Uma contagem que leva em consideração o número de aldeias existentes em 1968 e uma estimativa conservadora do número de pessoas residentes em cada uma sugere que cerca de 90% da população de 1968 teria morrido até o final de 1975. Podemos então dizer que uma

perda de 79% da população no contato representa a estimativa mínima e que a verdadeira cifra ficaria, mais provavelmente, entre 79% e 90% da população anterior.

Em termos da perda territorial, é importante reconhecer que os Panará ocupavam e defendiam uma área extensa no Peixoto, enquanto que a área ocupada por eles no Xingu não se confunde com a extensão total do Parque Indígena do Xingu. O Parque do Xingu abriga 15 outros grupos étnicos além dos Panará. Por motivos sociais e ecológicos, os Panará usam efetivamente uma fração muito pequena do Xingu. Motivos sociais porque os Panará forão os últimos a chegar no Xingu e tiveram que negociar a localização das suas aldeias e roças com os outros já presentes, tendo obviamente que escolher dentre as terras ainda não ocupadas. Motivos ecológicos porque são poucas as áreas no Xingu aptas para a agricultura dos Panará. A perda territorial também passa pela perda demográfica, na medida em que os Panará ocupavam oito aldeias no Peixoto e no Xingu, ocupam só uma.

Se as áreas adequadas para a agricultura tradicional dos Panará são poucas no Xingu, não existe nenhuma que se aproxime do Peixoto em termos ecológicos mais amplos. O depoimento de Akè fornece elementos para compreender o tamanho da perda ecológica:

Muhe pesôto ri sot kyan inkyeti - peyà, kwakriti, sôpôa, kwakyã, soti inkyeti, soti kyan yantèr, nampãyn inkyeti, inkyeti nankyô, inkyeti tepi, soti inkyeti tômakriti inkyeti, yupiãu. Pèrikyan inkyetpitinisi amèrè tā sonsàr tèrti inkye kwakriti hä, sôpôa hä, kutinsi hä, kwakyan hä, swakòn kyã hä, soti inkyeti pesôto sotkyã. Nampe, soti inkyeti sot kyã. Pàtsu me, pàtsu piãu ya hä. Inkyeyõ inkô kon pàtsupèri inkyeti pesôto inkô. Pàtsu re ku rapen swaserimà, na tiya ro kri tā na pa. Mukua nampung hatuk swaserimà, na tèr na pô ya pe. Inkye kin nô pi ya hä. Nampung nô, su konampung no . . . peyè, sôpôa, kwakyan retsori natiyaro inkyemera swaseri pen na pa, re moramà sot kurirõ ya hä kribi. Ren sot - natiyan ro, re moramà ku no kyampo, re morama ku nô tu, re moramà ku nô pakwa, na tèr hatung na pa sot kyã inkyetpitinsi he tèrama ha pô. Ya ra kan sum, renteri.

Lá no Peixoto tem muitas frutas - açaí, mamão, cupuaçu, pupunha (?), muitas coisas, tem árvores frutíferas, muitos tipos de mel, muito porco da mata, muito peixe, muita caça, muito mutum, e acabou. Tinha muitíssimas frutas lá que me fazem muita falta, mamão, cupuaçu, cajú, pupunha (?), cacau, tinha muita coisa no Peixoto. Açaí, muitas frutas. A castanha do Pará, aqui não tem castanha. No meu rio tinha muita castanha, lá no Peixoto.

Antes comíamos castanha nas caçadas, quando ficávamos com fome indo para a aldeia. Lá na floresta comíamos (a castanha) nas caçadas, chegávamos bem. Não gosto desse lugar aqui. Não se come, passa fome ... açai, cupuaçu, pupunha (?) nós comíamos quando tínhamos fome vindo das caçadas, nem comíamos comida da roça. Quando tínhamos fome no caminho não comíamos beiju, no caminho não comíamos batata, no caminho não comíamos banana, lá na floresta tinha muitíssimas árvores frutíferas e chegávamos bem alimentados. Lhe digo isso, e só (entrevista com Akã Panará, 30/10/91, aldeia Panará, Parque Indígena do Xingu).

Estar no Xingu representa para os Panará um empobrecimento permanente e sempre presente dos recursos naturais que sustentavam a sua cultura tradicional. A soma dessas perdas todas é uma perda social e cultural. Os Panará, embora uma sociedade tecnologicamente simples, não dependeram da sociedade envolvente para suas necessidades materiais, sociais e culturais, enquanto preservaram seus recursos naturais. Após o contato passaram a uma dependência inédita e involuntária, já que ao contrário, ao longo dos últimos 200 anos pelo menos, tinham optado por se manterem afastados da sociedade alheia a eles. Mais grave que isso, a escassez de recursos naturais e a chegada paulatina das frentes de exploração constituem ameaça direta às suas futuras gerações. Akè coloca esse como o problema central do grupo atualmente:

- 1) Pian amà ga na pa tapiyar kôma kyã? 2) Kôma kya ga pampã ra tephã. Yuri ga pa tapiya? Yuri ga pa le pa yo pô ya hä kômakyara? Yu tä ga ha yan tapiyar?
- 3) Sinpe nayõ kupa -- inkyemera nyõ kupa piãu piya, màmà piãu -- màmà ni taputung, ka màmà ni taptung ti. Màmà ni taptung, màmà ga ti. 4) Inkyau pe nyõ kupa mà na pa, ka yuren he tapiyar? Kôma kyara sitepähã? Ipã yõ pô yahã? 5) Pe nyõ kupa mà na pa, ine, gati yupiãu hä tapiyar. Gua kri yupiãu. Peyõ kupa rõ muhe, màmà gati yupiãu.... 6) Màmà ni ga ho pa kiti pe yõ kupa mà, màmà ga ho pa kitàmà, pe su pô yahã, gati ti ro yupiãu. 7) Ipã pin ma na ri piãu ... Màmà twatung haya nô kwè, tana kwè, màmà ti tapini, si pepeti twatung. Màmà ti tapini taputung si pepeti... 8) Màmà ti tapini. Màmà ka na kwè pen, ta yu he tapiyar me, re nampunahe piãu inkeymerung, karampun. 9) Màmà re pe kusuri, ya pinkye pe kusuri . . . Ya ren sun akwa inkye he, ya ren sun akwa :
- 10) Màmà ga yampan nô piãu apa swaseri mà, sampan nô piãu nakyonta he, sampan nô piãu soti na pô yahe.
- 11) Ren sun inke piya kupa mehe ga kri pe pin hawkrè muhe, mugua ga kri pe inkye si, ga kri pe ro, sape inkin, pu te. Kupa renkyanri inkye. pa. 12) Màmà impriara intum màrà tepàhe. Tum màrà pia ra he, tum

màrà pinkon ra tepi. Muhà tum màrà tepi. tum màrà tepàhe. . . .Karampari. 13) Taputung he gati pun pè ku suri inkye mu he, muhe, impe nò mà màrà na pa pe, tara ti he inkye taputung, tara ti ahe inkye na ka yo, màrà na kwè impe itephä, kômakyara. 14) Màmà na pia màrà he tèrti, yamà kupa mà, impe nò màrà pa ahe. Piu hä le pe tinsärko awka inkye me, piu hä me, pusape ahe, màrà rampa pe he, muhà tum, muhà tum. 15) Ya rempari inkye, pi ya. Kata sampun, muhe, gatipa mo, inkya ti kàkyen, mà gatipe kiatsi miya, ha màrà ahe piya ikyaun kitàmà, màrà ga pa iya inkyaun kitàmà 16) Pa, yuren he impe kôma kya. Kôma kayra tuma inkwè, tuma sitepi, guarampun muhe, nankyeti priara, nanteri priara. 17) Màmà ga sampun nò piâu ga pa piu pre. Ha ka sampun nò piu uhe kripi muhe? Penyõ kupa rõ, penyõ kupa. Muhà le pun inkye sapènàhe na tun inkye muhà. . . . 18) Yän yupiào inkynyõ kupa, inkye na wè amà, muhe màrà ga - ga pe yin tankõ insi kôma. Ka pe yin tankõ taputung. Sampun nò pian ho ra paàhe. 19) Ga kri pe inkye più hä, màrà più, più kin tisampun tèrti, màràkin màrari pa, tayanri inkye, tayanri. 20) Pa, nankyonsär priara pe, tumara wè, tumàra tepàhe, tumàra kin nò poya he, kômkyara, nankyetähä, yamà. Pa, ya rensun. Nàhà.

1) Onde ficará a nova geração? 2) Os jovens estão ficando grandes. Onde ficarão? Onde que essa geração vai ficar quando tiver filhos? Onde que vão morar? 3) Se tivéssemos terra - essa aqui não é nossa terra - no mesmo lugar que se envelhece, os velhos morrem. Os velhos morreriam no mesmo lugar que envelhecessem. 4) Aqui não, estamos na terra do branco, como é que vamos fazer? Quando os jovens crescem? Quando tiverem filhos? 5) Estamos na terra do branco, eu não sei, vamos acabar talvez. Vamos acabar. É terra de branco aqui, com isso vamos acabar ... 6) Estamos em pouca terra que é do branco, ficamos com pouca terra, e quando o branco chegar, vamos acabar. 7) Não é um lugar para viver muito tempo ... onde a velha envelhece, adocece, e morre no mesmo lugar. Onde o velho adocece e morre no mesmo lugar ... No mesmo lugar que adocece. 8) Eu não vou mais ver um lugar assim, morrerei antes. 9) Por isso que pedirei demarcação de terra, para cortar a terra ... Eu queria colocar assim: 10) Quando vamos caçar não ficamos tranqüilo, não dormimos tranqüilos no mato, não levamos a caça para casa tranqüilos. 11) Estou falando que precisa aumentar a nossa terra, para marcar lá longe, e dividir bem. Estou falando na terra sim. 12) As crianças estão ficando grandes. Estão crescendo, todos estão crescendo. Estão crescendo ... Entenda. 13) O governo deverá

aumentar a nossa terra, para nós ficarmos sem brancos. Eu sou velho, vou morrer, mas os jovens vão crescer. 14) É por isso que precisa demarcar a terra, para ficarmos sem brancos. Eu quero pedir a demarcação da terra para que os brancos fiquem longe de nós, lá longe. 15) Entendo isso. Estou indo lá (no Peixoto), verei lá, e se a terra lá for toda raspada, ficaremos então neste mato pequeno, ficaremos aqui neste pouco de mato. 16) Como farão os jovens? Essa geração está crescendo, está ficando grande, veja lá, as crianças são muitas, são muitas. 17) Por isso não ficamos tranquilos com aquele caminho (de branco) que está aí. Você não viu o caminho dos brancos aqui pertíssimo da aldeia? É terra do branco aí, terra do branco. Lá longe é que deveria ficar o limite, como está não é bom. ... 18) A minha terra lá, que era grande, já acabou há muito tempo atrás - por isso vou pedir resposta. Vou pedir uma resposta do governo. Para que possamos ficar em paz. 19) Vou conversar com o governo para demarcar a terra, demarcar para poder ver bem o limite, assim que é bom, vou fazer assim. 20) Estou preocupado sim por causa das crianças, que ficarão grande, que crescerão, terão seus filhos e ficarão onde quando forem muitos? Isso que digo. É só. (entrevista com Akê Panará, 30/10/91, aldeia Panará, Parque Indígena do Xingu)

Entre 28/10/91 e 5/11/91 um grupo de seis lideranças Panará voltou, pela primeira vez desde 1975, ao Peixoto de Azevedo. Essa viagem era uma reivindicação antiga do grupo, pois já falavam de sua vontade de visitar e ver o lugar em 1983. Presenciaram os efeitos do desmatamento desordenado, o assoreamento e poluição dos rios pelo garimpo, e as conseqüências da implantação de pecuária extensiva. Fizeram um sobrevôo da área, constatando que, das oito aldeias existentes em 1968, os locais de seis delas estão destruídos pelo garimpo ou ocupados pela pecuária ou colonização. Identificaram dois sítios de antigas aldeias - o Pàtsupèri, no rio Nhandu, numa ponta pequena de mata, e a Sonkànsan, entre as cabeceiras do Peixotinho Primeiro e o Rio Iriri, esta numa extensão maior de floresta. Embora já esperassem o quadro de degradação ambiental e esgotamento de recursos naturais que de fato encontraram, ficaram impressionados com a dimensão da sua perda. Essa experiência contribuiu para reforçar a intenção, já expressa antes da viagem, de identificar e estabelecer comunicação com os responsáveis pela ocupação de suas terras tradicionais. Como disse Akè:

Ta ka su mo inkye, taputung su, ka kri tara peimpa taputung he. Kupa tira pe ho kakyen, kupa tira pe kren, soti inkyet tikren, mama ka sampun,

kupa ankye kupa kakyen. Ka piayin pa inkyeyo kri- ti taputunghe ka kri tapian hawpiu, ka kri ta pian hawpiu, le pian ho piu. Mama ka kri mara pen sotimpari taputung he. Taputung mama tirantawri ta yin, tirantawri ta yin, tira kyara ta yin, tira konri ... mama ka su mo, taputung su. ka kri na peimpa. Mama ka, ka pia yin ho soti wayan, tinkye peraso sini, ka kri peraso sin. Peraso kri pia yi sin. Kupa kin tirape kakyen, kupa kin tirape ho yupiau, sotkya kyeti ho yupiau. Mama ka pia su mo inkye. Inkye koma ka su mo. Ka kri ta peimpa koma, taputung he ka kri ta peimpari, mama ta inkri inkye sini, mama ka ta soti tana kyampun inkyehe. Ka tana sotinkwa, na aton kina, na sonse kina, atonsu kina ka ta sot kyanampa. Mama tirapekren piuama ka ta pia se yin pa taputung muhe. Mama nasaren.

Eu vou buscar o velho⁵ (a autoridade do governo), e esse velho terá que me escutar. A nossa terra foi raspada, a nossa terra foi comida, as muitas riquezas foram comidas, como veremos (na viagem ao Peixoto), só solo, só terra nua. O velho deverá me pagar, deverá pagar. O velho terá que entender isso que lhe falarei. É o mesmo velho que mandou (os brancos para o Peixoto), que mandou, que chamou o pessoal para lá ... Vou buscar esse mesmo velho. Ele terá que escutar. O mesmo terá que fazer alguma coisa, terá que me dar dinheiro, terá que dar dinheiro. Terá que providenciar dinheiro. A nossa terra boa foi raspada, a terra boa acabou, as muitas árvores frutíferas acabaram. É isso que eu vou buscar. Eu vou agora. O velho terá que me escutar agora, o mesmo vai me pagar, é assim que vou obter bens. Vou obter bens, espingarda boa, linha boa, munição boa vou providenciar. Farei isso com o pagamento pela destruição que o velho lá dará. Isso que lhe digo (entrevista com Akà Panará, 30/10/92, aldeia Panará, Parque Indígena do Xingu).

Akè expressa aqui o juízo formado pelos Panará ao longo da última década. Boa parte da terra própria deles foi ocupada por outros e foi destruída. Os Panará deverão então achar os

⁵ "Velho" (taputung) tem na língua Panará não somente o sentido de uma pessoa de uma determinada idade como também o sentido de autoridade ou liderança. Os "velhos" nesse sentido constituem a liderança política do grupo, exercida, dentre outras áreas, no discurso formal na praça da aldeia. A palavra "chefe", por exemplo, é traduzida como "taputung", bem como "presidente" ou outros cargos de autoridade governamental. Quando Akè fala que buscará o velho, ele está dizendo que buscará seu par na sociedade dos brancos, ou seja, a pessoa que ocupa o cargo de autoridade máxima na sociedade.

responsáveis (o velho que mandou os brancos para lá) e deverão ser ressarcidos pelos danos que sofreram. A viagem dos Panará ao Peixoto confirmou esse juízo e verificou que, de fato, ainda existe uma parte do território tradicional deles não ocupada. Por consequência, os Panará abriram uma nova etapa no seu projeto de reconstrução social. Viram os parâmetros da destruição da sua terra tradicional e reconheceram a inutilidade total para eles das terras já degradadas, mas viram também que uma parte das suas terras tradicionais permanece desocupada, não tendo sido degradada. Por isso, vêem novas possibilidades quanto à reivindicação tão claramente explicada por Akè, acerca de uma terra adequada para eles (ver pp. 36-38 acima).

Em junho de 1992, duas lideranças Panará (Akè e Krentom) novamente sobrevoaram a área da Serra do Cachimbo e localizaram o sítio da aldeia Sonkànasan, num pequeno afluyente do rio Iriri. Resolveram retornar por terra antes do início da chuva e no mês de agosto, um grupo de nove homens foi para Guarantã. Fizeram uma expedição de uma semana na direção da antiga aldeia Sonkànasan. Verificaram que a região continua extremamente rica em caça, peixe e frutos da mata. A partir dessa viagem e dos sobrevôos anteriores, discutiram longa e repetidamente entre eles, na sua aldeia, o que tinham visto, identificando especificamente a sua área tradicional que ainda não está ocupada, ou que teria pouca ocupação (ver mapa em anexo). Embora cientes das grandes dificuldades e riscos que qualquer mudança fora da calha do rio Xingu lhes traria, cada vez mais a discussão dos Panará está voltada para o que resta de sua terra original.

As reflexões dos Panará sobre a sua situação atual giram em torno dessas duas questões: a terra e a compensação pelos terríveis danos que sofreram. Nessa discussão, os Panará vêem uma forma de garantir a independência que custou tão caro e de assegurar um futuro digno para seus filhos.

Referências Citadas

- Alencastre, José Martins Pereira de. 1979 (1863). *Annaes da Província de Goiás*. Brasília: Editora Gráfica Ipiranga.
- Coudreau, Henri. 1977 (1896). *Viagem ao Tapajós*. São Paulo: Livraria Itatiaia Editora.
- Cowell, A. 1973. *The Tribe That Hides From Man*. London: The Bodley head.
- Cowell, A. 1961. *The Heart of the Forest*. London: Camelot Press.
- Davis, S.H. 1971. *Victims of the Miracle*. London: Cambridge University Press.
- Heelas, Richard. 1979. *The Social Organization of the Panara, a Ge Tribe of Central Brazil*. Doctoral Dissertation, St. Catherine's College, Oxford University.
- Hemming, John. 1978. *Red Gold: The Conquest of the Brazilian Indians*. Southampton: The Camelot Press Ltd.
- Karasch, Mary. 1981. *Damianha da Cunha: Catechist and Sertanista*. In *Struggle and Survival in Colonial America*. David Sweet and Gary Nash, editors. Berkeley: University of California Press.
- Lowie. R.L. 1946. *The Northwestern and Central Ge*. In *Handbook of South American Indians: I*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.
- Meirelles, Apoena. 1979. *A técnica que atraiu os Kreen-Akarore*. *Revista de Atualidade Indígena*, Ano III, No. 18. set/out 1979. FUNAI, Brasília.
- Marcopito, Luiz F. 1979. *Amarga renúncia à terra de origem*. *Revista de Atualidade Indígena*, Ano III No. 19, nov/dez 1979. FUNAI, Brasília.
- Parisi, Fiorello. 1975. *Relatório parcial apresentado ao Il. Sr. Coordenador da Amazônia*, FUNAI.
- Peixoto de Azevedo, Antonio. 1885. *Memória - Rio Paranatinga*. In *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Vol. 1, No. 1.
- Pesce, Celestino. 1985. *Oil Palms and Other Oilseeds of the Amazon*. Reference Publications.

Schwartzman, Stephan. 1988. The Panara of the Xingu National Park: The Transformation of a Society. Doctoral Dissertation. University of Chicago.

Verswijver, Gustaff. 1985. Considerations on Mekragnoti Warfare. Doctoral Dissertation. Rijks University, Gent.

Anexo 1

Quadro Demografico Panara ¹

	Nome	Sexo	Cla	Data Nascimento
1)	Aka	M	kst	1937
2)	Papio	M	krn	20/03/78
3)	Koaquiari	F	krn	05/81
4)	Kotarti	F	ksi	1962
5)	Ca-iam	F	ksi	5/83
6)	Sukyan	M	krn	1971
7)	Sekyiky	F	kkt	1955
8)	Soucre	M	kkt	1/9/80
9)	Kiuaco	F	kkt	3/10/85
10)	Kieputi	F	kkt	21/09/87
11)	Suquiam	M	kkt	9/89
12)	Kokriti	M	ksi	1935
13)	Iopo	F	krn	1940
14)	Sawkre	F	krn	15/03/77
15)	Tutiti	F	krn	26/06/91
16)	Patika	M	krn	1963
17)	Pokiati	F	kkt	1967
18)	Tausinko	M	kkt	20/08/85
20)	Paynsar	F	krn	1959
21)	Quateia	F	krn	04/5/88
22)	Pati	M	kkt?	1951
23)	Krempe	F	krn	1960

24)	Cocriti	F	krn	12/83
25)	Kunapu	M	krn	9/87
26)	Cape	F	krn	10/89
27)	Peritaw	F	kst	1935
28)	Koka	M	kst	1967
29)	Tungkopo	F	kkt?	1967
30)	Sautata	M	kkt?	03/10/84
31)	Nhasusei	F	kkt?	22/5/88
32)	Cototi	F	kkt?	11/89
33)	Sumokriti	M	kst	1952
34)	Turen	F	kkt	1958
35)	Coatun	F	kkt	12/81
36)	Pinapre	F	kkt	9/10?86
37)	Peia	F	kkt	22/10/88
38)	Sutiti	F	kkt	11/10/91
39)	Pangswa	M	kst	1957
40)	Kuitanko	F	kkt?	1945
41)	Kyampopri	M	kkt	23/08/79
42)	Cucampam	F	kkt	26/7/86
43)	Concrete	F	kkt	13/2/90
44)	Teseya	M	kkt	1941
45)	Kiarasar	F	krn	1941
46)	Posua	M	kst	1972
47)	Akutinkre	F	krn	1971

48)	Qrenquion	M	krn	3/89
49)	Tuca	F	krn	25/5/91
50)	Perankopri	M	krn	01/79
51)	Prinin	F	krn	2/9/81
52)	Souacri	F	krn	8/9/84
53)	Increia	F	krn	7/8/87
54)	Porinco	M	krn	9/89
55)	sn	F	krn	10/91
56)	Popoa	M	?	1947
57)	Kyitakrit	F	kst	1953
58)	Quiopo	F	kst	27/02/78
59)	Quinqueama	M	kst	1/4/84
60)	Poripoa	F	kst	29/10/90
61)	Seakeri	M	kkt?	1955
62)	Iokre	F	kst?	1957
63)	Eropori	Kajabi		
64)	Turenpri	F	kst ?	10/07/75
65)	Santo	M	kst?	30/01/90
66)	Tiui	M	kst?	23/11/91
67)	Kapidi	M	kst??	05/79
68)	Creca	F	kst?	6/6/84
69)	Panquie	F	kst?	3/3/87
70)	Iopute	F	kst?	15/7/89
71)	Iopaquim	M	kst?	10/91
72)	Kapeso	F	kst	1971

73)	Cuiu	F	kst	4/83
75)	Iosure	F	kst	8/87
76)	Curon	F	kst	6/89
77)	Cocquian	F	kst	6/91
78)	Seakyan	M	?	1958
79)	Iputi	F	kkt	1958
80)	Tungkokyan	M	ksi ?	1971
81)	Kyekungkyia	F	kkt	05/74
82)	Parinhim	M	kkt	11/89
83)	Nampremmpre	M	kkt	7/79
84)	Poucan pri	M	kkt	07/81
85)	Penhokir	F	kkt	05/85
86)	Seta	F	kkt	24/12/87
88)	Kuperi	M	kst	1952
89)	Kupawe	F	kkt	1960
90)	Sarsaw	F	kkt	05/78
91)	Mikre	M	kkt	1/3/80
92)	Kiansi	M	kkt	5/82
93)	Porecreton	F	kkt	3/85
94)	Sokiera	M	kkt	9/9/87
95)	Sancoro	M	kkt	10/89
96)	Crempu	F	kkt	20/12/90
97)	Sokriti	M	kkt?	1948
98)	Swakye	F	ksi	1948

99)	Krentoma	M	kst	1958
100)	Pinkon	F	ksi	1973
101)	Tunsakian	F	ksi	10/8/87
102)	Patuni	M	ksi	1977
103)	Saatum	F	ksi	7/82
104)	Paun-to	M	ksi	3/85
105)	Sopoa	M	ksi	29/11/86
106)	Passume	M	ksi	1/89
107)	Saunssu	F	ksi	11/90
108)	Sampu	F	krn	30/3/87
109)	Pokan	M	kkt?	1954
110)	Kyanse	F	krn	1952
111)	Pep-utare	F	krn	7/89
112)	Patoma	F	krn	1972
113)	Pussu	M	krn	31/1/86
114)	Titikra	M	krn	20/10/87
115)	Tetude	F	krn	10/7/89
116)	Pokin	M	krn	3/80
117)	Kyampe	M	kkt	1971
118)	Krekon	M	kkt?	1935
119)	Kakri	F	ksi	1951
120)	Carapoo	F	ksi	6/79
121)	Cokiana	M	ksi	7/82
122)	Cranati	F	ksi	2/85
123)	Casso	M	ksi	2/7/87

124)	Tupaquiam	M	ksi	9/89
125)	Miquio	M	ksi	20/10/91
126)	Kykampo	M	kkt?	1954
127)	Sampuyaka	F	ksi	1970
128)	Cotunsi	F	ksi	28/6/84
129)	Iotiquiam	M	ksi	30/9/86
130)	Sokretem	F	ksi	9/9/88
131)	Kyeron	M	krn	1964
132)	Pakye	F	kkt?	1966
133)	Patsuperi	F	kkt ?	02/80
134)	Tabepinho	F	kkt	6/85
135)	Kiatua	M	kkt	30/7/88

			Falecidos	
Nome	Sexo	Cla	Data Nasc.	Data Falec.
1) Iosi	M	ksi	09/79	07/83
2) Podiu	F	kkt	04/79	01/80
3) Kiatum	F	kkt	08/82	11/84
4) Prinsi	F	krn	1955	10/83
5) Prinsua	M	krn	1/80	1/84
6) Tuatutum	M	krn	5/82	4/87
7) Curimion	F	kkt	12/82	5/82
8) s/n	M	krn	5/82	12/82
9) Tuka	F	krn	1945	7/84
10) Tutiti	F	krn	1965	2/83
11) Iaquiu	M	kkt	9/86	4/87

12) Patiyi F	krn	1949	1/85
13) s/n ?	kkt	01/81	01/81
14) Soqueia F	kst	5/80	6/81
15) Soqueira M	kst	4/81	4/81
16) Ciconkir F	kst	10/82	1/83
17) s/n M	ksi	4/81	5/81
18) s/n M	krn	2/78	3/78
19) Pankyi F	kkt	1945	1/83
20) Kwaka F	kkt	1950	7/1/83
21) Tekia F	kkt	6/82	10/83
22) Cukre M	?	23an/75	3/75
23) Cotei F		20an/75	8/75
24) Paride M		1an/75	3/75
25) Ticre M		22/75	3/75
26) Yopu M		22/75	9/75
27) Tapion M		38/75	2/75
28) Cretudi M		19/75	11/75
29) Porepre F		1945	7/75
30) Montui M		3 meses/75	8/75
31) Caquiana M		9an/75	10/75
32) Pau M		4/75	1/78
33) Caubutu F		9/75	3/75

Residentes Com Outros

Ioutu M Txucahamae

Perikyati	M	Gorotire
Hawkana	M	Mekranotire
Karkyana	F	Txuca.
Kosi	M	Txuca.
Sarsaw	F	Txuca.
Capo	F	Txuca.
Totasar	F	Txuca.
Caretu	M	Txuca.
Taumpampa	M	Suya
Parisum	M	Preperi
Wuatuia	M	Txuca.
Wantuikre	M	Txuca.
Perantaw	M	Kururu

1. Esses dados foram colhidos pelas equipes da Escola Paulista de Medicina, sob orientação do Dr. Baruzzi. A ortografia dos nomes e aquela empregada pelo equipe médico, salvo nos casos de maior familiaridade, que mudei para a minha ortografia. As siglas de classificação são:

- kst - kwasotantera
- kkt - kwakyatantera
- krrn - krenowantera
- ksi - kwositantera

Anexo 2

Guia a pronuncia da lingua Panara

e	-	[ɛ]
ê	-	[e]
è	-	[ə]
i	-	[i]
ì	-	[ɨ]
a	-	[a]
à	-	[ʌ]
ä	-	[ɤ]
o	-	[o]
ô	-	[ɔ]

APPENDIX 3
SOUTHERN CAYAPO WORD LISTS

English Southern Cayapo Panara: Heelas Panara: Schwartzman

1. Pohl (cited in Von Martius 1867:134-5)

(* indicates notable similarity between Southern Cayapo and Panara words)

heat	krenkio	nankio	nankyô *
black male	tapanio	se:akian ?	hĩ'pē kànakyan
black female	tapanio-cua	?	hĩ'pē kànakyan inkyēn
white	macaca	sa:poa	nàkaka, 'brilliant, shiny' *
water	inco	inko	ingkô *
bow	itsche, itse	itse:	itsê
gold	cupajotu	?	? - kupa, 'earth, soil'
good	impeimpare	?	hĩpēmpari, 'hear, understand speech'*
head	icrian	intu:	hĩ'kyā *
flesh	iobo	?	sĩ:, 'meat, semen, sap' yôpu, 'jaguar, dog, cat'
beef	potina-schain	?	inpô: yĩ:n
edible root	piankakianka	?	-
pencil	kientom	?	krentôm, 'spot, blotch'
intestine	putkua	itu:	sĩ:n
eat	lepania	ku:kre:n	kukrē
basket	piapa	piobo	pyàpè *
knife	kaascha (kyce)	kaesur	kâyasà' *
god	pujanka (puhanca) ?		puyanka 'shaman, wizard, shape-changer' *
finger	lenkre	siti-anto	sikyanto

English	Southern Cayapo	Panara: Heelas	Panara: Schwartzman
house	uncua	kokre	inkua, inkuari, 'house, lying-place'*
sleep	schotine	kahonte	sonti *
sword	capite	ko (club)	-
sickle	caitpopo	kaeasur	kàyasà' pakon
maize flour	panata	musu:inkre	môsu sù
iron	kitesi	?	kyù'tesi, 'file; lit., "tapir leg bone"*
river	pupti	pakere:	pakre
foul, filthy	intomarca	kurokian	intomaka 'mirror, camera'
cold	kiuli	kiu:	kiu *
round	antoaaschu	kwa (?)	-
beans	tetaschu	?	-
fire	itschiu	itsu:	itsù *
child	pintue	wantu:i	piântui *
work	schampua	?	sàpēn
stone	keni	kien	kyên *
bed	twchunquantu	su:tu:	sàtu
bind	caitpoze	piakur	pre
mother	unisi	wunsi	wungsi (voc) *
mountain	sucomu	?	-
die	itu	itu:	intù' *
black	cotu	se:akian	kàtù' lit. 'dead skin'; black body-painting *
bread	poli	po	--
little	ipanre	pa:, pri pari	pā:, í'pā:re *

<i>English</i>	<i>Southern Cayapo</i>	<i>Panara: Heelas</i>	<i>Panara: Schwartzman</i>
father	usum	wusum	wèsum (voc) *
fish	tepo, topu	tepi	tepi *
felt cap	kiapio	?	piô , 'blanket'
rain	inta	inta	inta *
pretty	intompeipare	?	inki:n
red	ampiampio	nampura	namprè; namprèmprè *
arrow	cajone, caschone	ku:a	kàyéng *
brandy	incoia	inko-itsu:	ingkôtsù
wood	inromu	pali, pi	pèri
gun	atona	aton	atô *
section	pujanka-unkua	?	wâtā
earth	cupa (ciupa)	ku:ba	kupa *
marry	zapio	kasipia-su	sapiôre *
hunt	cubupapa	?	kupapapa *
clothes	schapu	i-ko	sapu 'wrapping, wrapper' *
dog	ropu	iobu	yôpu *
roebuck	inpo	iosu:	inpô *
deer	inpoti	iosu:	inpô *
chicken	schunins	tomakri:di	tômakritakriti
cock	schaninsischuma	"	-
mule	kitascha	?	(kyùtasà ?) wild tapir??
sheep	inpoazo, schu, kriti	?	kriti, 'pet, domestic animal' * (inpôatso ?, 'hairy horse?')
cow	potinascha	inpo	inpô 'cow, horse'

<i>English</i>	<i>Southern Cayapo</i>	<i>Panara: Heelas</i>	<i>Panara: Schwartzman</i>
tobacco	arena	kola:so	karínyo (Kayapo)
maize	muschu	musu:	môsu *

2. *St. Hilaire*

ear	chiccre	sikre	sikre *
bird	itschune	?	itswèng, 'fledgling' *
arm	ipa	inpa	hĩ'pa *
hair	iquim	inki	hĩ'kĩ *
neck	impude	sokre:be	imputi, 'back of neck' *
leg (shin)	ite	inta-si	hĩ'te, 'calf, lower leg' *
teeth	chua	su:a	sua *
woman	intiera	inkiara	inkyara, 'women' *
thigh	icria	inkre, inkri	hĩ'krè *
leaf	paracho	poksu:	pèratsô *
fruit	patso	?	pèrikyen
man	impuaria	inpu:era	impùara, 'men' *
white man	itpe, cacateca	ipen, kahen	hĩ'pē *
Indian	panaria	panara	panara *
infant	nhontuara	wantu:i	wàntui, wàntuara, 'the children'
piece of wood	por(1)e	pi	pèri *
moon	putua, puturua	sokiantida	sôkyentita
hand	chicria	sintodi	sikya *
nose	chacare	satsi	sakre *

<i>English</i>	<i>Southern Cayapo</i>	<i>Panara: Heelas</i>	<i>Panara: Schwartzman</i>
eye	into	into	into *
mouth	chape	sa:ko	sakwa
chest	chucoto	saunkodi	sonkôti *
foot	ipaa	ipa	hĩ'pa: *
feather	impantsa	numpun	nampāngng saya, pāngng saya, 'parrot feathers' *
girl	itpentie, iprontuaria	piuntuara, inpriera	pièntuara, 'young women' *
boy	itpe-pri, iprintue	"	hĩ'pē pri, 'little enemy' *
dance	pinato, increti	inkre, into	inkre *
sun	itpute, impute	impu:di	hĩ'pùti *
star	anschiti, amsiti	nansurti	nangsàti *
belly	itu	itu:	hĩ'tu *
horse	iquitacho	?	inpo
flea	pate	kianko	pa:te *
tapir	icrite	inku:di	kriti, 'pet, domestic animal: including kyùti kriti, 'tapir-pet(s)' *

Anexo 4

Panara falecidos na epidemia na aldeia Yopuyupaw, 1973

Nome	Clas ¹	Sexo
1. Sèrpô	kk	M
2. Pòkyana	kk	F
3. Saartum	kk	F
4. Seware	kk	F
5. Priyin	kk	F
6. Sewakri	kk	M
7. Koya	kk	F
8. Kiansi	kk	M
9. Sàrtipiti	kk	F
10. Sotiyin	kk	M
11. Kreakopu	kk	M
12. Pakom	kr	M
13. Yókii	kk	F
14. Peyè	kk	F
15. Potu	kw	M
16. Yopa	kk	M
17. Yòkiekyen	kk	M
18. Mòpea	kk	F
19. Sepinko	kk	M
20. Sonsi	kk	F
21. Yansupresi	kw	M
22. Tunkonsar	kk	F
23. Penyökre	ko	M
24. Kunkyenpô	kk	M
25. Peko	kk	F
26. Kopote	kr	M
27. Sarpô	kk	M
28. Sonsi	kk	F
29. Pòpòkrea	kk	M
30. Tunkreyô	kk	F
31. Sotkwapô	kk	M
32. Tuntakyin	kw	F

¹. Abreviacao dos nomes dos clas:

kwakyantera - kk

kwasantera - kw

kwositantera - ko

krenowantera - kr

33. Sumakyan	kw	F
34. Kupôn	kw	M
35. Namprèmpre	kw	M
36. Payinpèti	kw	M
37. Kokwôri	kw	M
38. Pentaw	kk	M
39. Sàryase	kw	F
40. Konase	kr	M
41. Pakasar	kw	M
42. Kukakôri	kw	M
43. Tepasisi	kw	M
44. Kîetate	kw	F
45. Kokawpè	kk	M
46. Sàrtison	kw	F
47. Kàapre	kw	F
48. Tekyan	kw	M
49. Nayoyè	kw	M
50. Kerinsi	kw	F
51. Sèrkyèna	kw	M
52. Swakerna	kk	M
53. Piamèsar	kw	F
54. Mipa	kk	M
55. Asàtaswèn	kw	M
56. Peokyl	kw	F
57. Pekre	kr	M
58. Sewapièri	kw	M
59. Kwapari	kr	F
60. Pyiti	kk	M
61. Payakriti	kk	M
62. Kèrkyan	kr	F
63. Pehe	kw	M
64. Pekreyu	kw	M
65. Paaté	kw	M